**A ÚLTIMA CORUJA**

Copyright 1991 de Marcos Wagner da Cunha

  Este romance é dedicado a Rosa e a Narciso.

  Quem são? Você, leitor, logo entrará em contato com ambos ao longo desta sua história.

“Só quando o crepúsculo começa a descer é que a Coruja de Minerva abre suas asas e voa”

*Georg W. F. Hegel, ‘Em Elementos de Filosofia do Direito’.*

Para Hegel, o trabalho da Filosofia da História se assemelha ao sobrevoo da *coruja de Minerva*\*: só quando as civilizações atingem sua decadência derradeira dão-se a conhecer em suas estruturas fundamentais. Sua verdade profunda só aparece em seu 'crepúsculo', quando o olhar analítico do filósofo é análogo ao de uma coruja caçadora.

Estaria já uma última e melancólica 'Coruja de Minerva' a sobrevoar este nosso tempo, em busca das razões do fracasso da espécie humana?

\**Minerva* é o nome latino de *Palas-Athena*, a deusa grega da sabedoria, que sempre estava acompanhada pela ave símbolo da Filosofia.

Sumário

Persona Insone

[Parte I: Expulsando os Descendentes de Noé](#_Toc366267413)

[Búfalos](#_Toc366267414)

[Uma Mulher](#_Toc366267415)

[Jasmins](#_Toc366267416)

[Niñas](#_Toc366267417)

[O Cuitelinho](#_Toc366267418)

[A Extinção](#_Toc366267419)

[Parte II: Samsara (Tempo, Paixão, Medo, Mundo)](#_Toc366267420)

Palavras, [Tempo](#_Toc366267421), Música

[Devaneios Acerca de Tua Inveja](#_Toc366267422)

[O Brilho Dos Olhos de Édipo](#_Toc366267423)

[Planos Face a face](#_Toc366267424)

[Rosa](#_Toc366267425)

[Escatologicamente](#_Toc366267426)

[O Rio Paraguai e a Condição Humana](#_Toc366267427)

[El Condor Pasa](#_Toc366267428)

[Parte III: O Amor, Suas Cores, Suas Realidades](#_Toc366267429)

[Até os Joelhos](#_Toc366267430)

[Teus Olhos](#_Toc366267431)

[Um Arco-Íris para Teus Olhos](#_Toc366267432)

[Parte IV:  O Sobrevoo da Coruja de Minerva](#_Toc366267433)

[Eros Encontra Thanatos](#_Toc366267434)

# Persona Insone

*“Não ser nada, ser uma figura de romance,*

*Sem vida, sem morte material, uma ideia,*

*Qualquer coisa que nada tornasse útil ou feia*

*Uma sombra num chão irreal, um sonho num transe."*

*Álvaro de Campos (Fernando Pessoa)*

Numa dessas incontáveis madrugadas de minha insônia, em que as horas se abreviam nas badaladas dos relógios da cidade, criei um novo jogo, na esperança de talvez adormecer. Já não seriam os inúteis carneirinhos, visto que têm o desagradável efeito de despertar-me ainda mais quando seu número passa das dezenas para a casa das centenas, de dois para três dígitos. Tampouco iria ater-me ao exercício, outrora gratificante e eficiente, de percorrer os mapas dos continentes, a imaginar nações, cidades, rios, serras ou cordilheiras. Nem mesmo os elegantes contornos de Ásia e de África, onde minha memória mais titubeia (eis o segredo: tentar lembrar e não conseguir, me dá sono) poderiam mais ajudar-me. Há tempos que evocam imagens de guerras inacabáveis, miséria, multidões famintas. Lembranças que, obviamente, nada têm a ver com a nobre arte de adormecer.

Nessa noite haveria de conseguir entregar-me ao sono, dormir! Recorri ao truque de criar, e contar a mim mesmo, histórias em que figuro ora como protagonista, ora como essa ou aquela personagem, ou às vezes apenas como mero narrador.

Como me fiz, a um só tempo, protagonista e espectador único do que contava, tornei-me capaz de mesclar todo meu ser com esses mesmos relatos, criando assim entes *meio-homem-meio-histórias*, plasticamente mesclados. Se muito aqui lhe parecer absurdo, leitor, pense em seus próprios sonhos. Não tive qualquer pretensão de manter-me distante do sem-sentido. Tornei-me capaz, também, de representar duas ou mais figuras ao mesmo tempo. Para tanto, bastou-me que simpatizasse com tal desdobramento. Final e totalmente livre de qualquer amarra que me intimidasse diante de leitores, voyeurs, ou espelhos (havia então a escuridão total de uma lua nova), mergulhei-me num romance.

Parte I: Expulsando os Descendentes Noé

# 

## Búfalos

Súbita e simultaneamente todos, absolutamente todos, os habitantes de Nova York se transformaram em búfalos. Os mesmos búfalos selvagens que, alguns séculos atrás povoavam, em enormes manadas, as pradarias americanas.

Pelo menos vinte milhões de búfalos selvagens.

Nos gigantescos edifícios, à hora em que homens e mulheres mais se acotovelavam. Estivessem nos bancos, dentro de shoppings, ou pelas ruas em automóveis (quase parados, como sempre) nos bordéis, nos templos, ou mesmo a bordo de navios, todos eram já búfalos, e como tais procuravam desvencilhar-se do que sobrou de ternos, saias, camisas, agora meros farrapos.

As coisas correram bem para aqueles que estavam apenas caminhando pelas calçadas, já que agora, como *bovinos-novos*, simplesmente tinham que continuar marchando para o oeste em longa migração, certamente nostálgicos das pradarias norte-americanas. Aqueles que estavam em automóveis também pouco sofreram além de escoriações leves, graças à absurda lentidão do trânsito da megalópole. Búfalos não gostam do mar, bem ao contrário de mim que, se pudesse, largaria esta tocha grotesca e partiria a nadar para sudeste, rumo às águas quentes do Atlântico Equatorial.

 A descida dos grandes arranha-céus não foi assim tão fácil, pois creio que búfalos desconheçam como lidar com elevadores, e tampouco sejam capazes de descer por qualquer outro meio sem grandes dificuldades. Milhares deles chegaram ao chão da rua com lacerações graves, e com diversos tipos de fraturas. Pior do que tudo, muitos se lançaram contra janelas de vidro, o que fez com que seus corpos estourassem no asfalto, produzindo enormes poças de sangue.

Quando os sobreviventes viam esses corpos em frangalhos, punham-se a fugir velozmente. Dessa forma, logo centenas de milhares deles formavam manadas apressadas, esvaziando com rapidez toda a *Big Apple*.

Dentro dos bordéis houve certa demora. Parece que ao sentirem-se de repente búfalos de carne, osso e alma, não houve qualquer dano para a relação amorosa. Pelo contrário, tais parceiros sentiram desejos ainda mais fortes, pois o dinheiro, agora como casais bovinos, perdera qualquer sentido inibidor. Já não mais unidos por ‘comércio carnal’, o sexo explodiu pleno, movido só por tesão mútuo entre vacas e touros.

Logo nas primeiras horas após a ‘grande mutação’, enquanto muitos deles ainda pastavam no Central Park, vi dezenas de aviões da Força Aérea a apontar no horizonte. Desgovernaram-se, caíram e submergiram na baía de New York. Apesar de que nunca saberemos mesmo, de fonte neutra, imparcial e confiável, o que se passou com aqueles aviões, creio que os pilotos e qualquer outra pessoa a bordo, tornaram-se igualmente búfalos. Estou agora a ver um deles morto, apodrecido e flutuante a cerca de meia milha de meus pés.

Tem sido bastante difícil entender o que se passa a meu redor. Por um tempo pensei que também fosse tornar-me um búfalo de bronze. No entanto, isso não ocorreu, e já não acredito mais que eu ainda possa vir a ser um símbolo da liberdade desses bovinos a seguir placidamente rumo a suas pradarias.

## Uma Mulher

## 

Artigo publicado num diário carioca, em data incerta:

**Eventos exóticos ocorridos em Corumbá, Pantanal, MS:**

Coisas fantásticas estão acontecendo nesta cidade, desde o dia em que uma mulher estranha e belíssima aqui chegou. Mas vinda de onde? Esta é apenas uma das intrigantes perguntas sem resposta a seu respeito, pois afirma nada saber de sua origem, tampouco dos caminhos que trilhou para vir até nós. Não apresenta nem passaporte, nem qualquer outro tipo de documento.

Quando, numa tarde do último dezembro, deu-se sua primeira aparição num dos bairros rurais, o Couriço, foi acolhida pela gente pantaneira mais humilde, que lhe vestiu com roupas leves e singelas. A seguir se pôs a caminho do centro de Corumbá. Conta-se que, nesse dia, incontáveis beija-flores, cuitelinhos como dizem aqui, revoavam ao redor de seu corpo. Capturava, pois, todos os olhares, que se deslumbravam com sua beleza exótica e seu olhar selvagem, gerando boatos de que talvez fosse turista de país muito distante, sueca ou filipina, alemã ou americana. Outros diziam quiçá pudesse ser uma chinesa atípica, dado que os desse país estão por toda parte nos dias de hoje, mas... Como os leitores do ***Dia-Rio*** já devem ter deduzido seus traços físicos não são característicos de qualquer raça ou etnia bem definidas.

Vamos ao mais importante: todos os homens de Corumbá estão hoje doidos de tesão por ela. E eu sou um deles. Sua feminilidade é selvagem, como se pode perceber de imediato ao mirar em seus olhos, os mais sensuais que já vi. Tem cabelos dourados e pele com bronzeado natural. Seios e quadris evocam com rapidez as mais intensas paixões carnais.

 Fala nosso idioma perfeitamente, e inclusive nossas gírias, sem qualquer sotaque. Parece, pois, viver aqui desde que nasceu. No entanto, completamente ausente de todos os registros  conhecidos do Pantanal, seja dos estados de MS ou MT, ter ela nascido aqui fica extremamente improvável, talvez impossível. Também não consta nos cartórios das regiões próximas da Bolívia e de todo o Paraguai.

Conta-nos uma terrível estória sobre sua origem, que tomamos por genial manifestação de seu fino senso de humor. Mas quando rimos, às gargalhadas, finge estar triste e nos deixa, voltando para o hotel modesto, onde foi recebida como uma deusa desde os primeiros momentos.

Seu relato, sutil e amargamente irônico, diz que não nasceu mulher, mas fêmea de jacaré. Era já adulta, cuidando de sua segunda ninhada, quando viu surgir do meio da mata um homem armado com o mais poderoso equipamento de matar.

Teria sido um daqueles coureiros muito bem aparelhados, que caçam esses répteis para vender-lhes o couro, e que ameaçam exterminar esses répteis de nosso Pantanal.

Mirando em seus olhos – continua --, e vendo-o aproximar-se de seus amados ovinhos, esteve certa da própria morte.

Ao invés de morrer, inesperadamente se transformou na mulher que agora é, levando aquele caçador assassino a um forte e instantâneo ímpeto de violentá-la a todo custo. Creio que ele não imaginava qual viria a ser esse custo. Por muito paradoxal ou desumano que pareça, ela entregou-se “cheia de tesão e de amor”(palavras suas). E aqui vem o clímax de tudo o que, esbanjando em criatividade e imaginação, nos conta: ambos estavam no mais pleno dos êxtases, quando dezenas de pequenas piranhas brotaram de seu útero e foram devorando o coureiro que, apenas alguns instantes depois de ter perdido o pênis e os testículos, já havia sido devorado até os miolos do crânio.

Especulo que possa ser atriz de uma companhia cinematográfica europeia, tratando de chamar a atenção da mídia global para o cenário de algum filme a ser produzido aqui, num futuro próximo, sobre questões ecológicas, talvez até apocalípticas. Seria um filme de Lars von Trier, agora uma nova ‘Melancolia’, bem mais terrena, próxima e provável do que aquele cataclisma cósmico *science-fiction*? Só uma grande atriz pode representar um papel com tamanha perfeição, pois continua a chorar por muito tempo depois de terminada toda sua estória. Tão realística e intensamente! Não sou capaz de conceber outra hipótese a respeito de sua identidade verdadeira. Não creio que seja apenas mais uma ativista disfarçada do Greenpeace.

*Do nosso enviado especial Mato Grosso do Sul*

*Francisco G. Rosa*

**Jasmins**

*“La noche que me quieras,*

*desde el azul del cielo,*

*las estrellas celosas*

*nos mirarán pasar”*

*Gardel e Le Pera*

Aconteceu numa dessas primeiras noites bem frias de março, quando sentimos na pele que o sol e o verão partiram aqui de nossa pequena Stanley e de toda a Patagônia. Quem poderia imaginar que um evento tão estranho viesse a acontecer para nós, logo a nós, de uma pequena e pacífica comunidade do extremo sul da Terra? A esta nossa gente tão plácida e trabalhadora? E que afetaria tão diretamente a nós, mulheres kelper\*, que sempre soubemos preservar, quando não nossa castidade, ao menos nossa inquebrantável dignidade.

Eu, casada com Carlos Ramón havia cinco anos, ainda não tinha recebido a dádiva divina de conceber um bebê. Doutor Caballero, no entanto, assegurava-nos que estava tudo bem com nossos corpos, e havia já recomendado que déssemos “tempo ao tempo”, isto é, chance para o curso natural das maravilhas maiores da vida. "Vocês não deveriam preocupar-se tanto com isso”, dizia ele. Aquela nossa ansiedade toda só tornaria ainda mais difícil a concepção espontânea de um novo ser.

Quanto a mim, já me resignara, e não contava mais cada um dos dias a passar. No entanto*, mi pobre Ramón* sofria, pois todo mês fazia anotações em sua agenda sobre o início, além da quantidade aproximada e da intensidade do odor de meu fluxo menstrual. Registrava data e hora da primeira e da última gota daquele meu sangue, e estimava o momento provável da ovulação. Mantinha-se distante de mim durante a primeira semana e meia de meu ciclo. Atirava-se sobre meu corpo e me possuía, com todo seu fogo de gaúcho faminto por carnes, ritualisticamente desde a décima primeira até a vigésima meia-noite, pois um amigo alemão lhe tinha dito que fizera todos os seus sete filhos à meia-noite. Ramón, que é extremamente sugestionável, muitas vezes resmunga em sonhos essa mesma frase: ”7 para Hans, 0 para Ramón, que vergonha!” E o faz todo exaltado como se Hans fosse a seleção de futebol da Alemanha, e ele próprio a da Argentina, na final de Copa do Mundo do Brasil.

Chegou mesmo o dia a partir do qual passamos a encarar como um dever que eu, Maria de la Concepción, alcançasse o mais intenso dos orgasmos, pois, do contrário, meu útero não sugaria o esperma com a força máxima (idéia vinda das leituras científicas que obsessivamente faz meu marido). Sim, a consequência inevitável disso foi que, tantas vezes, tive que simplesmente fingir ‘fortíssimas intensidades de prazer’ pra não magoá-lo, embora de vez em quando meus gritos e gemidos foram, e são ainda, sinceros e explosivos, barulhentos pra valer, pra toda nossa pequena Port Stanley ouvir. Não estaria aí, portanto, a causa verdadeira de nossa infertilidade, estou hoje bem certa disso.

Foi com grande surpresa, portanto, que em 22 de março enquanto dormíamos profundamente em meio à madrugada, que senti aquele toque tão suave e tão firme, tão ardente e enlouquecedor no ponto mais sensível de *puspussy*. Esta última palavra é a que carinhosamente usa Carlos Ramón para se referir a minha genitália, desde a noite de nosso casamento. No início, pensei que Ramón estivesse, enfim, mandando às favas seu rigoroso calendário, e seu estúpido relógio, porque estávamos no sétimo dia de meu ciclo, aquele em que, pela primeira e peculiaríssima vez, engravidei.

Deixei-me levar, sem abrir os olhos, uma vez que vinha sendo sempre desse modo que alcançava, com mais facilidade, os tais êxtases mais intensos, ou seja, era uma forma muito prazerosa de não ter que fingir como uma mera atriz pornô. Não, por favor, não concluam que sempre fantasiasse estar com outro cara. Na maioria das vezes, preferia não olhar para o rosto de meu marido, de modo a não me deparar outra vez com sua enorme angústia por filhos.

Portanto, naquela penetração tão inesperada, e sem nada poder ver, relaxei por inteiro e abri minhas coxas pra valer. Foi então que percebi um indício bastante exótico em meio à súbita mudança de atitudes, pois não havia posto suas mãos em *puspussy.* Não estava repetindo, ainda outra vez, aquelas carícias tão mecânicas sobre as quais tinha lido em manuais de medicina sexual, e que, apesar dessa origem tão fria e acadêmica, tinham tantas vezes mostrado seus bons resultados por me dar prazer.

Não, não posso subestimar Ramón e suas habilidades de parceiro na cama, mas dessa vez as coisas foram muito mais sublimes, desde o primeiro toque, tão surpreendente, até aqueles movimentos rítmicos e aquela suavidade rígida de um pau tão quente e grosso, a me foder com aquele bizarro toque de plumas arrepiantes. Só então perdi, pela primeira vez em minha vida, total, completamente, e em vigília plena, a consciência de mim mesma, confundi-me com o mundo e com as coisas, e comecei a uivar como um lobo, a rugir como um leão, e a chorar como um bebê. E urrava de modo tão intenso como sequer imaginava que pessoa alguma fosse capaz de urrar na entrega do amor. Para falar a verdade, naquele momento, não me poderia ocorrer mesmo qualquer outra idéia exceto tomar por um sonho paradisíaco aquela sensação ímpar de penas macias a esfregar-se em meus genitais. Não quis ter qualquer pressa para abrir os olhos, ainda que já estivesse fortemente a suspeitar que não tivesse sido possuída por Ramón, mas por algum desconhecido qualquer, quem sabe algum náufrago perdido e sedento.

Gemi de prazer por cerca de vinte minutos inteiros. Ramón corrige-me, dizendo que gritei por exatamente 49 minutos. Mas não posso acreditar, pois seria um tempo prolongado demais. Bem, mas afinal para quê isso importa?

Abri meus olhos, e não tinha sido outro homem que me penetrara de modo tão inesperado quanto maravilhoso. Tampouco viera de Carlos Ramón todo aquele superabundante sêmen que, finalmente, foi capaz de fazer de mim uma mãe. Meu marido tinha despertado com meus uivos de prazer, e tinha ficado ali a nos contemplar: eu, ensandecida de desejo, doando-me inteiramente (e não apenas *pusspussy*), oferecendo todo o meu ser àquele bonito, atlético, elegante e tesudo pinguim.

Sim, foi um daqueles nossos tão dóceis pinguins, que abundam na Blanco Bay, que me procurou naquela noite. A presença de Ramón a meu lado não o intimidou, e ao terminar nosso gozo em uníssono, eu, meu pinguim e meu marido nos encarávamos com certo constrangimento. Estávamos a dirigir o olhar, perplexos, para aquele esperma tão volumoso. Difícil dar números, mas preencheria pelo menos sete cuias de chimarrão das maiores, sem exagero! Tive uma estranha sensação de plenitude em meu baixo ventre, e aquele fluido espesso não parava de gotejar em minhas coxas, consumindo as muitas toalhas que Ramón trouxe para tentar absorver seu excesso. E exalava do preciosíssimo líquido um forte cheiro de jasmins. A forte fragrância de jasmins do sêmen doce de meu pinguim. Sim, cheirava tão docemente quanto os jasmins nas noites de verão de Buenos Aires.

Nós, as mulheres kelper, não sabíamos que o sêmen de um pinguim cheira a jasmim. Todas sentimos sua fragrância naquela mesma madrugada de outono. Não apenas as casadas, viúvas, divorciadas ou prostitutas, mas até mesmo donzelas puderam senti-la. Todas, sem exceção, engravidamos com ele.

Ramón de repente pareceu estar muito feliz, pois lhe passou logo pela mente que o bebê pudesse ser seu filho tão desejado. Não era, e logo soubemos de sua natureza tão rara e peculiar: minha barriga cresceu rapidamente demais. Estranhei. Apenas duas semanas após ter imaginado as cuias de chimarrão para quantificar o volume do perfumado líquido, enquanto ainda me escorria pelas coxas, já aparentava ser uma grávida de uns quatro meses. E em 28 de abril, pela madrugada, uma transformação de forte impacto nos sobreveio. Senti uma única e forte cólica uterina, e intuí corretamente que centenas e centenas de mulheres a estavam sentindo naquele mesmo instante. Cada uma de nós punha seu próprio ovo.

Todas passamos a cuidar dos ovos que tínhamos acabado de botar no mundo como filhos muito amados. Era sabido, mas também vivenciado como imposição de um desejo intenso por nós mulheres, que tinham que ser mantidos quentes ininterruptamente, como os de qualquer ave, e, para tanto, todas zelamos durante aquele outono, um dos mais frios de que se tem registro na história das Ilhas Malvinas.

Eu o pus sobre minha própria cama, de onde até mesmo cheguei a desejar que jamais viesse a sair. Liguei o aquecimento central no máximo, mas mesmo assim temia que tal não fosse suficiente para assegurar-lhe o direito de nascer.

Quanto a meu marido, polidamente seguia a nos ajudar. Mas não pensem mal dele, pois àquela altura parecia não conservar senão um ínfimo resquício de esperança de que dentro daquela casca pudesse estar o seu “*little Ramoncito*”. Trouxe-nos todos os cobertores da casa, e lhe pedi que acendesse nossa lareira, como era costume nos invernos de minha infância.

Não me afastei de meu filho-ovo por um segundo sequer durante aqueles dois meses terrivelmente gelados. Punha-o em contato com o calor de meu corpo e, sob vários cobertores, dormíamos bem juntinhos, eu a abraçá-lo e a envolvê-lo com todo cuidado entre minhas pernas.

As noites mais longas da Patagônia têm sempre as suas celebrações festivas, mas na quermesse de San Juan, em 23 de junho, todas nós, mulheres de Stanley, permanecíamos dentro de nossas casas, esperando o momento em que terminaria essa gestação tão singular e misteriosa, quando 'daríamos à luz' os seres que estavam para sair daqueles lindos objetos elípticos, quebrando-lhes as cascas brancas. Meu amor pelo meu ovo foi a paixão mais intensa que já vivi. Confesso que às vezes não me continha e esfregava *pusspussy* contra sua casca, mesmo sendo tão dura aquela superfície calcária. Mas de uma brancura tão cheia de paz, prenúncio de vida e de alegria! Ora não tenho por que dizer meias verdades: eu roçava nele *pusspussy* com suavidade todas as noites, todas as manhãs, todas as tardes, incessantemente a recordar a madrugada mágica, fantástica e estrelada em que seu pai me visitou. E me punha a cantar *‘La noche que me quieras, desde el azul del cielo, las estrellas celosas nos mirarán pasar*’. Assim cantando dei de nomear a seu pai, tão desejado quanto saudoso, por ‘Carlos Gardel’. Que emoção encantadora!

Nem eu nem Ramón jamais entenderemos por que Gardel, meu jasmim-pinguim, não mais retornou a nossa casa. Tampouco por que nadou tão depressa para longe rumo ao meio da baía, sem nos dizer uma só palavra de adeus. Às vezes suspeitamos tê-lo magoado, ou ferido sentimentos pessoais seus, ao tentar secar seu sêmen com nossas toalhas simples e desbotadas. Nunca nos perdoaremos por esse gesto tão tosco.

Ao partir-se a casca, por fim, tudo aconteceu como eu mesma já vinha intuindo. Não nasceu nenhum monstro -- meio-homem, meio-pinguim -- como alguns kelpers fantasistas estavam profetizando. Em 24 de Junho, à meia-noite, tive pela casca daquele enorme ovo, meu primeiro filho: um lindo, elegante e gracioso pinguinzinho bebê.

As horas que se seguiram foram muito tristes para todos, homens e mulheres, de nossa pequena e distante vila de ilhéus, tão isolada do resto do mundo. Não sei como sobrevivemos a ela. A cada ovo que se partia, uma mãe se punha a gritar e a chorar, suplicando a seu filho, pinguim recém-nascido, que não partisse rumo ao mar.

Nossos filhos não atendiam a nossos apelos e, talvez por sequer nos reconhecer como mães, desviavam de nós os olhares, e mal notando a presença de seus padrastos humanos ali a nosso lado. Nadaram para bem longe, às centenas, rumo à imensidão do Oceano Atlântico. Centenas de bebês-pinguins, que não tinham nenhum vestígio humano, mas que amávamos ainda mais talvez do que se o tivessem.

*\*Kelper é o apelido dado pelos argentinos aos habitantes das Ilhas Malvinas, ou Falklands, e devidamente assimilado e aceito por sua população britânica. Deriva do nome kelp, uma alga muito comum naquelas águas do Atlântico Sul.*

## Niñas

*“E, inda tonto do que houvera,*

*À cabeça em maresia,*

*Ergue a mão e encontra hera,*

*E vê que ele mesmo era*

*A Princesa que dormia”*

*Fernando Pessoa, em “Eros e Psiquê”.*

Conta a lenda que um dia, uma menina encantada deixou sua casa e seus pais, e às margens do Titicaca conheceu uma grande rã. Esta se revelou  um Príncipe, e por ela se apaixonou.

Viveram felizes para todo o sempre, como mais um belo casal de rãs gigantes do Titicaca: Sua Majestade Princesa Rã, e Sua Majestade Príncipe Rã.

A seguir, choveu sem cessar sobre o Altiplano Andino, como já não ocorria  há centenas de milhares de anos. O Titicaca triplicou seu volume de água.

Todas as pequenas meninas que por lá havia se encantaram. Cada uma por seu Príncipe.

Todos rãs.

## O Cuitelinho

## 

*“O cuitelinho não gosta*

*Que o botão de rosa caia, ai, ai”*

*De uma canção folclórica do Pantanal mato-grossense.*

Fragmento de artigo publicado no ‘*American Journal of Epidemiology*’ (Revista Americana de Epidemiologia) escrito pela Professora Doutora Marina Isabel Tenaglia da Cunha, titular do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina do Planalto de Piratininga, São Paulo, SP.

Título: Investigação Acerca da Brusca Queda de Natalidade Humana na Região Metropolitana de São Paulo.

Ao ser escrito possuía extensa exposição de motivos, bem  como dados estatísticos que, todavia, não sobreviveram ao tempo*.*

“...certamente esses eventos populacionais, tão fora da ordem normal dos registros anteriores, não serão jamais explicados pelos modelos médicos  tradicionais. Tampouco são satisfatórios os métodos reificantes da Epidemiologia Clássica. Tentamos aqui, portanto, uma abordagem sócio-histórica pós-foucaultiana, em busca de uma visão totalizante.

Como já dissemos, os colibris (ou beija-flores, ou cuitelinhos) aparentemente não sabem diferenciar entre as mulheres de diferentes classes, ou mesmo estratos, sociais. Assediam tanto proprietárias de meios de produção quanto trabalhadoras que vivem de alugar sua força de trabalho, atingindo também as camadas da pequena burguesia e os camponeses. Essas pequenas aves (umas nem tão pequenas) sentem forte atração por todo tipo de mulher. Em certos momentos, parecem fazer escolhas estranhas, mas não pudemos constatar qualquer ligação estatisticamente significativa entre "o beijo" e a condição social ou hierárquica das assediadas. Tampouco com tipos de vínculo abstrato com meios de produção.

No início, supusemos tratar-se de um surto de uma arbovirose até então desconhecida, e com traços fortemente atípicos. O mero fato de não termos como descartar essa hipótese, talvez mesmo por ser tão bizarra, parecia torná-la mais plausível com o passar do tempo. O beija-flor teria sido atingido por um vírus em seu núcleo olfativo encefálico, que o faria confundir o cheiro de flores com o da genitália feminina humana.''

[Aqui, deve ter havido outro fragmento perdido.]

"(...) nossas várias hipóteses caíram por terra, ao recebermos a descrição minuciosa do primeiro ‘beijo’ a assediar nossa colega proeminente do Departamento de Medicina Preventiva, Drª Alice Blumenthal. Transcrevo aqui seu primeiro e-mail:

'Em pleno jardim interno de nossa faculdade, sob os olhares invasivos dos transeuntes e daqueles imbecis vendedores de livros médicos. Quase tive coragem de sugerir àquele passarinho irmos a um local em que ficássemos mais à vontade, escondidinhos como nos namoricos dos adolescentes... Mas era já impossível dizer uma única palavra ao pequenino, então já com todo seu corpo dentro de mim. E como era quente e macio, tão suaves suas carícias! [Emoticon de suspiro e amor, que não temos como reproduzir aqui, mas que são tão bem conhecidos dos usuários de internet].

‘Prezados colegas de departamento, não entro em mais detalhes de nossas volúpias, tampouco narrarei as carícias e delícias que puderam tornar aquele ‘beijo’ a mais intensa maravilha que até então tinha vivido. Eu mesma, que não creio, sinto-me tão grata a Deus por ter-me deixado vivenciar tal momento. E Lhe peço que tudo possa repetir-se em breve! (Basta de confissões Alice Blumen!...).

‘E ainda enquanto me extasiava, notei que meu cuitelinho partia. Mas meu gozo pôde prolongar-se ainda por um bom tempo graças ao revoar, a partir de meu útero, com asas ruflantes por toda a extensão de meus genitais, de dúzias e dúzias de filhotinhos de colibri, que meu útero liberava à luz da vida.

 Alice Blumenthal, M.D., Ph D.’

Chocados, aconselhamos de imediato a nossa colega que consultasse um psiquiatra. Alice, cheia de raiva, recusou-se, chamando-nos de “cegos e estúpidos”, uma vez que éramos, em suas palavras, incapazes de perceber que esse mesmo ‘mergulho do cuitelinho’, como o povo o chamava já jocosamente, atingia milhões de mulheres por dia na região metropolitana de São Paulo.

Algumas semanas depois, a Dra. Alice abandonou nossa universidade e ninguém conseguiu mais saber dela. Vizinhos especulam que tenha se embrenhado, por livre vontade, na Mata Atlântica que contorna a vila ferroviária de Paranapiacaba, um dos últimos redutos de certas espécies sobreviventes de raros e belíssimos colibris azuis de maior porte. Antes de sua partida, ainda pôde sugerir-nos algumas vias de pesquisa.

Segue-se a última mensagem eletrônica recebida por nós, vinda diretamente da Drª Alice, que até mesmo modifica um pouco seu próprio nome, como verão:

‘Caros colegas pesquisadores,

Vocês têm que abandonar de vez a perspectiva estritamente orgânica, caso ainda busquem algum entendimento do que se passa entre nós: mulheres e cuitelinhos. Somos muito mais felizes agora! Pouco importa se pomos a nação em risco, se estamos abandonando nossos maridos, nossas religiões, nossos locais de trabalho! Eu repito e insisto:  somos bem mais felizes agora! Como seu tipo de ciência é prisioneiro da busca obsessiva por causas e mais causas orgânicas, deixo-lhes uma hipótese em torno da gênese do atual estágio de nossa luta contra a melancólica, repetitiva sociedade industrial-consumista global, onde tradições arcaicas aprisionam os seres humanos ainda na infância.

O beija-flor sempre foi símbolo universal de paz, beleza e amor. Foi tragicamente posto em perigo de extinção pela sociedade ultratecnocrática machista. Algumas de suas espécies já desapareceram da Terra, há várias décadas.

Por outra parte, a incapacidade masculina para satisfazer mulheres tem sido bem patente ao longo não só das décadas, mas também dos séculos e dos milênios.

A Natureza rebelou-se contra o Estado machista, dando ao cuitelinho o poder de libertar-nos.

**Pelo orgasmo perpétuo!**

**Morte aos maridos!**

**Deus salve o cuitelinho!**

**Adeus!**

Alice Blumen”

Adendo:1) O colega Dr. Fernando Hesse nos esclarece com o seguinte dado curioso: o sobrenome Blumenthal se pode traduzir literalmente do alemão por ‘Vale de Flores, ou Vale Florido’].

2) Nossos especialistas não interpretaram como sintoma psicopatológico o fato de Alice ter feito essa mudança  em seu nome, já que Blumen significa flores em alemão, o que mostra coerência com todo o seu ideário político, ecológico e hedonista radical.”

## A Extinção

Acordaste de um sono profundo, e tuas mãos eram já em um par de lindíssimas orquídeas, que te fascinaram.

Saíste a caminhar pelos desertos de tua grande cidade, como que enfeitiçado e orgulhoso por seres, ao menos em parte, orquídeas.

Sabias, porém, que essas flores são efêmeras, e temeste por seu fim. Em teus braços brotaram, então, folhas verdes, e pudeste ter certeza de que, quando tais flores murchassem, a planta como um todo permaneceria em ti, até algum dia florescer de novo.

Orquídeas precisam de árvores como suporte de sobrevivência. Teus braços saltaram para fora de teu corpo, transformados em duas imensas árvores.

As frágeis flores teriam, pois, a sua sobrevida assegurada.

Atônito, olhaste para o que outrora tinham sido teus braços e tuas mãos, e prosseguiste a vagar sem rumo.

Alguns quarteirões adiante, todo teu cabelo caiu de um único golpe ao chão. Cada um daqueles fios revelou-se logo uma minhoca potente que perfurava, derretia, e transformava o que era asfalto em terra bruta.

A pele de tua perna esquerda estava agora espessa como escamas. Esse teu membro destacou-se do teu tronco como uma enorme sucuri. Com medo, imaginaste que poderia devorar-te, mas a cobra não deu qualquer atenção a você, rastejando em direção oposta à da tua fuga, que também a rastejar tentavas..

Tuas orelhas tornaram-se borboletas exuberantes, vividamente coloridas.

Tua perna direita foi perdida, também, agora um belo casal de iguanas.

Julgavas que nunca irias perder teu próprio cérebro, mas um buraco se abriu  no topo de tua cabeça, na moleira de tua primeira infância, e, em seguida, todo o conteúdo de teu crânio sentiste escorrer sobre teu corpo como lesmas, baratas e vermes abjetos.

Não obstante as perdas de tantas partes tuas, continuavas a pensar, e sentias tudo com prazer intenso, em cruel volúpia.

De teu umbigo aberto, as vísceras puderam saltar para a terra. Teus intestinos assumiram a forma estranha e grotesca de uma erva daninha que sempre detestaste no teu jardim. Caídos ao chão, tomaram raízes, e verdejaram. De teu baço fez-se um touro, logo a  pastar e a ruminar da tua grama.

Teu pâncreas saltou fora, agora uma galinha barulhenta. Teus rins, dois morcegos. Teu fígado revoou para longe, como um abutre portentoso, que te sorriu irônico ao ver teus restos espalhados ao redor de ti, apesar de estares ainda vivo. Ele te disse adeus, e rumou veloz para as distantes montanhas do Cáucaso, certamente saudoso dos tempos de Prometeu.

Tua bexiga desabrochou  em cogumelo orelha-de-pau.

Perdeste teu rosto, bem como todo o teu crânio oco, agora ocupado por uma tartaruga marinha. Antes disso, teus olhos já tinham partido como duas nuvens de vagalumes.

Ainda vagavas pelo deserto de tua megalópole monstruosa, impiedosamente extasiado.

Tua coluna vertebral seguiu a tartaruga em direção ao mar, e agora tuas vértebras já eram lagostas, lagostins, caranguejos, camarões.

Deixaste de respirar, porque teus pulmões eram agora uma dupla de golfinhos em cópula.

Teu coração foi incapaz de se transformar em qualquer outra coisa que não uma única e solitária mosca.

Quase tudo o que restava de tua pele deu folhagens verdejantes; o que permanecia de teus músculos deu dezenas de lagartixas.

Não obstante isso, tua volúpia prosseguia intensa.

Somente quando teus genitais de macho finalmente se libertaram de ti, transformados na mais esplêndida coruja já vista, foste capaz de perceber que não havia mais lugar para ti na Terra.

Estavas então morto.

Extinto.

# Parte II: Samsara (Tempo, Paixão, Medo, Mundo)

# 

## Palavras, Tempo, Música

Nasci perto da margem do largo rio que atravessa o deserto, sob a copa de um baobá, não muito longe do mar. As dores de quem me carregara dentro de seu corpo não duraram por mais que alguns momentos. Houve brilho de alegria nos olhos de quem me viu chegar à luz do mundo.

Menino, brinquei  ao longo das várzeas próximas àquele rio, pulei e corri pela mata. Fiz-me homem de fortes músculos, e logo todas as fêmeas que encontrava sentiam um desejo forte de entregar-se a mim. A elas me dava por inteiro, ingênuo, desejante, a transbordar ternura.

Logo formávamos uma horda: eu, único macho, cercado por inúmeras mulheres e tantas delícias que nos propiciávamos mutuamente. Peregrinos e nômades, primeiro seguimos a direção das águas correntes. Até que em certa manhã chegamos ao local em que o rio vai encontrar-se com o mar com suas águas salgadas e suas altas ondas.

Fui espalhando tantas crianças, meninos e meninas, ao longo de toda aquela linha litorânea. Seguíamos, então, em busca daquela terra tão distante, que paria o Sol todas as manhãs.

Andarilhos, nosso número crescia constantemente, mas vindas de fora só aceitávamos raras virgens. Os demais indivíduos novos eram só os gerados por nós mesmos.

Num meio-dia de final de verão, de repente senti que algumas mulheres haviam perdido sua beleza, e já não mais me despertavam desejo. Abandonei-as. Estas, porém, passaram a seguir as marcas de meus pés na areia. Ao fazer isso, tentavam ainda contemplar-me, mesmo que à distância. Sonhavam constantemente com meus olhos. Sedentos de vida, ávidos por todo o tipo de maravilhas, prosseguíamos rumo a terras desconhecidas, em busca de novas paisagens.

Trocava, com frequência crescente, idosas por jovens púberes geradas em nosso convívio. Possuía ainda, nos rebentos machos, amantes quentes, dóceis e cheios de vigor.

Nossos dois subgrupos eram mantidos separados por uma distância constante, um limite máximo do qual os rejeitados ainda pudessem contemplar-me o olhar com seu brilho, de que tanto sentiam falta.

Eu não tinha nome, como nenhum de nós o tinha. Não dávamos nomes a nada nem a ninguém, tampouco a relações de parentesco. Nossa única linguagem era a dos gritos e gemidos de amor durante orgias. Nenhuma outra.

 Em certo pôr-do-sol, chegamos a um mar estranho, extremamente salgado. Somente pedras e rochas não flutuavam acima de suas águas. Parecia não ter nenhum peixe. Nós caminhamos ao longo de sua margem, comendo pequenos animais que caçávamos em seus arredores rochosos. Até que chegamos à foz de um rio, onde achamos o que pescar. Lá pudemos permanecer estacionados por muitos verões, por haver de comer e de beber em abundância.

Eu havia atingido o ponto máximo de força e de beleza de um macho humano. Costumava apaixonar-me por moças assim que via em seus olhos o desejo quente e maduro, e também abraçava suavemente rapazes quando seus ombros estavam largos e suas coxas musculosas e rijas.

Essas criaturas que haviam nasciam de nossas fêmeas me amavam arrebatadamente.

Há pouco mais de uma dúzia de outonos havia nascido, da mais desejada de minhas mulheres, um garoto que logo se mostrou mais e mais semelhante a mim, por seu rosto, por sua estatura, pela cor de seus pelos, de seus olhos.

Quando sentiu a força do desejo adulto, lançou-se forte sobre aquela encantadora mulher de quem nascera. Quis também, e com igual ímpeto, a mim, adulto tão semelhante a si próprio.

À margem direita daquele pequeno rio, próximo ao ponto em que este deságua no pequeno mar salgado, numa noite de verão e por entre rochedos, nos reunimos em desejos pela primeira vez. Nus, único jeito que sabíamos de viver, minha ereção foi das mais intensas. Amamo-nos, com nossos três corpos entrelaçados, ao ar livre e quente daquela noite. Confundimos nossas três imagens em nossas mentes, uivamos até o nascer do sol.

Teríamos podido, machos idênticos, passar a viver pra sempre lado a lado, possuindo e amando juntos não só aquela, mas tantas outras fêmeas. Assim tão iguais quem poderia ou quereria distinguir-nos, e com que finalidade?

Esse teria sido o destino de nosso grupo de amantes, em infindáveis surubas. Eu, maduro, ele adolescente, ainda que dois, seríamos um ser único a transbordar de vida em nossa jornada rumo àquela terra sempre a parir o sol.

Algo diverso, porém, veio a transcorrer. E a possibilidade dessa divergência emergiu numa daquelas noites de delícias em que nós dois machos junto dela, nossa mais assídua companheira nos uníamos. Tendo gerado o belo jovem em seu ventre, de suas próprias entranhas veio atração mais intensa por ele que por mim. Diferenciou-nos. Lançou contra mim, então, todo o poder de seus feitiços. Deu-me uma palavra: chamou-me de “Pai”.

Tendo nome, eu, ’Pai’, jamais poderia tornar a confundir-me com o jovem. Daquela mistura de identidades, que preenchera nossos encontros com as mais intensas delícias, não mais poderíamos usufruir. Ainda a procuramos por entre aquelas mesmas rochas do primeiro encontro, algumas vezes. Vivenciamos então certos tipos de prazer, mas a simultaneidade era já inatingível. Parece que o próprio desejar já não era aquele mesmo de antes. Desejávamos agora um desejo que já não existia por si, por mais que sentíssemos sua falta.

Decepcionados, vimo-nos diante de outra magia daquela mulher: designou o gozo que tivera comigo de “Passado”, e ao gozo que ali compartilhara com aquele adolescente nomeou “Futuro”. Ao estado de tédio e frustração em que nos encontrávamos, pouco antes do nascer do Sol, deu o nome de “Presente”.

Indivíduos que passamos a ser, com nome e noção de tempo, ‘Filho’ e ‘Pai’, nos odiamos. Expulsei-o com violência para o grupo dos desprezados. Ela o acompanhou.

“Filho” e “Mãe”, ainda dois outros nomes criados por ela, escorraçados e infelizes, foram ainda capazes de conceber outra dimensão do tempo: a da vida que poderia ter sido caso tudo não se tivesse desfeito, caso ainda fosse possível aquela nossa primeira festa de três amantes. Esse tempo ausente e intangível chamaram de “Eternidade”. Ao gozo pleno e simultâneo de nosso trio, impossível de se pôr em palavras, designaram “Deus”.

No grupo dos enjeitados, onde todos viviam dos sonhos e devaneios com meu olhar, ‘Filho’ foi admirado e desejado calorosamente. ‘Mãe’ tratou de ensinar a todos a magia dos nomes e do tempo.

Se o gozo com ‘Pai’ era o ‘Passado’, se sua situação de desprezados era o ‘Presente’, se a atração por ‘Filho’ era o ‘Futuro’, e a felicidade que poderia ter sido, o ‘Eterno’, já se sentiam capazes de separar-se de meu olhar. E assim o decidiram quando ‘Filho’ lhes falou de ‘Deus’, prazer que nenhum deles conhecera, muito mais potente que todas as volúpias usufruídas ou concebíveis pelos enjeitados. Impossível de narrar, em detalhes e nuances, os seus movimentos tão harmônicos em trio. Impossível de se dar provas tanto de sua intensidade, quanto da verdade intangível de sua existência.

Esse grupo, onde se criavam cada vez mais nomes e nomes, dados a objetos de todo tipo, desde concretos até sensações puras, tomou o rumo da terra que engole o Sol ao descer do crepúsculo.

De mim, levaram recordações dos tempos de fortes volúpias, bem como a dor de nunca mais tornar a ver-me. Nunca os membros de seu grupo, nem mesmo os das gerações infindáveis que produziu depois, foram capazes de esquecer os nomes que ‘Mãe’ dera a cada uma das sensações tidas a meu lado, no toque íntimo com meu corpo: ‘Infinito’, ‘Belo’, ‘Passado’, ‘Eterno’, ‘Deus’.

## Devaneios Acerca de Tua Inveja

Prossigo sendo totalmente incompreendido: não olho para minha imagem refletida neste lago tão só por amar a meu próprio corpo -- inquietantemente lindo, musculoso, forte --, ou a meu rosto de contornos suaves e tão harmoniosos. Zombo da miséria de espírito dos que assim me imaginam. Tomo por absurdamente ridículo esse equívoco a respeito de mim, tão contrário a meu maravilhoso ser. Não, definitivamente, não outro apenas uma paixão carnal inesgotável por meu próprio corpo! No entanto, os seres humanos e os deuses sempre contam esse mesmo relato entediante ao falar de mim. Sou mesmo levado a pensar que toda minha fama entre eles está ligada à seguinte trama:

“Narciso, o belo jovem que se apaixonou por sua própria imagem espelhada num lago, e que permanecerá contemplando a si mesmo por todo o sempre”.

Escarneço de toda a estupidez revelada nesse modo de me representar. Quão profunda a ignorância contida nessa imagem que insistem em vincular a mim, a despeito de tão oposta a meu inebriante ser.

Há algo, porém, que me dá imensurável prazer quando penso nos que assim me veem: seres humanos e deuses, ao longo de tantos milênios, nunca cessam de referir-se a mim. E, para tanto só pode haver uma única, evidente explicação: invejam-me com toda potência, tresloucadamente.

Ah! Quão prazerosa é esta certeza de que muito se ressentem por não poder ter nem compartilhar meus atributos! Quando tal me ocorre, como neste instante, sorrio suavemente, brilham-me os olhos. Nuances em minha face, movimentos sutis de minha plena, absoluta beleza. Sim, isso mesmo, tão só uma refinada e sutil ilusão de movimento nos traços de meu rosto, dado que não pode haver flutuações de grau em meu lindo ser, como é fácil que se compreenda.

Caso houvesse, poderia ser mais belo agora, e não tanto dentro em pouco. Evento este patentemente absurdo, dada minha infinita perfeição.

Riquíssimo o pensamento do filósofo Georg Wilhelm Hegel, pois dele se pode inferir facilmente, dadas as minhas características descritas há pouco, que possuo a Beleza Absoluta.

Eis o erro de todos: minha contemplação não poderia esgotar-se na apreciação de meu ser belo (apenas um de meus aspectos sublimes). Se assim fosse, eu decairia fatalmente a tornar-me humano e mortal.

Amo, SIM, cada ínfimo fragmento de meu corpo, jamais o negaria! Amo meus olhos, sua cor, e amo as variações aleatórias de minha formosíssima face. Amo o caráter infinito dessa minha plenitude estética. Sou dotado, contudo, de algo exterior que torna efetiva e plena minha positividade, sob todas as perspectivas concebíveis. Não se trata, porém, como é o caso com meus outros atributos, de algo que seja imanente a mim. Para que tal se dê, conto com entes externos.

Falo de homens e deuses, através de cuja existência atinjo o clímax desta plenitude regozijante. A eles é inerente uma inferior qualidade, da qual decorre apodítica e imediatamente meu gozo infinito.

Eis o que têm em comum homens e deuses: são todos igualmente horrendos, feiíssimos!

A decorrência imediata: Abjetos que são, provocam-me asco, e mesmo ódio, por saber-me sujeito a encará-los, por ter na memória sua hedionda imagem. Daí meu refúgio à beira deste lago.

E do ódio e do refúgio brota-me a absoluta perfeição.

*É muito fácil compreender por que tanto tu me invejas!*

## O Brilho Dos Olhos de Édipo

 Jocasta não se enforcou. Édipo não vazou seus próprios olhos. Eles apenas simularam fazê-lo perante os cidadãos de Tebas, numa tática para se livrar de certo tipo de juízos emitidos em intrigas de ressentidos. Por razões que nunca conheceremos, Sófocles decidiu-se por dar realidade a tal simulação.

Em alvos cavalos montados, deixaram os tebanos com seus restritivos juízos e destinos. Partiram em busca de uma instância maior, que fosse realmente digna de julgá-los.

“Só mesmo as sereias de Ulisses”, foram unânimes os oráculos.

Ousaram, então, confrontar a fúria de Posseidon. Conduzidos por dezenas de remadores, todos com as orelhas tapadas por cera, Édipo a comandá-los. Tomaram a direção de onde viera Ulisses, em seu demorado retorno da Guerra de Troia.

Não tardaram a encontrá-las. Eram ainda as mesmas, posto que o tempo não ousa existir para sereias.

Desembarcaram naquela ilhota de tantos penhascos íngremes, ainda a amar-se. Logo inebriados e em êxtase pelo fascínio do canto daquelas sensualíssimas semideusas.

“Entretanto, Jocasta, não estamos aqui para amar-nos. Buscamos um julgamento à altura de nossa gloriosa existência.”

“Pois o terás, Édipo”; proferiu a mais bela dentre as sereias, bruscamente interrompendo o seu canto, e continuando:

 “Quanto a ti, Jocasta, se é que se pode saber de algo que te traz aqui, além dessa ânsia de teu filho e amante, terás o que desejares”.

Ao que a mãe de Édipo respondeu:

“Desejo que os olhos de Édipo reencontrem seu brilho, que tanto amo”.

"Para tanto, mulher e mãe, só uma coisa ainda lhes falta: os olhos de Édipo devem conhecer toda a verdade. Esta mesma verdade que tu sempre dele ocultaste. Basta isso para que voltem a brilhar como antes."

“Não, sereias, estou farto de verdades! Não as quero mais. Guardai-as para vós mesmas: mulheres, Jocastas e sereias”.

“Se não tens pela verdade o desejo, Édipo, um único desígnio vos resta: ordena que partam teus remadores, e que se esqueçam para todo o sempre da rota desta ilha onde vos deixam”.

O amante de Jocasta assim o fez, e, no instante seguinte, dezenas de sereias reiniciaram seu canto, o mesmo que outrora se apoderara de Ulisses. Eros inspirava tal melodia, evocadora de todas as volúpias já vividas ou sonhadas, instigadora de tantas outras, intensíssimas. Tomados por tal magia, os amantes puderam esquecer seus nomes, suas supostas culpas, e mesmo confundir suas identidades.

Sob o olhar lascivo de tantas sereias, recuperaram os olhos de Édipo seu eterno brilho.

## Planos Face a face

*“Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,*

*Que felicidade há sempre!”*

*--- Álvaro de Campos (F. Pessoa)*

Há um vale profundo. Apesar dessa profundidade, sou capaz de visualizar facilmente aqui do topo desta montanha, o nítido penhasco oposto, de um azul vívido.

Começo a descer a encosta rumo ao imaginado, caudaloso rio. Embora possa ver rochedos e florestas ali no outro lado, em ricos detalhes, não consigo enxergar nada lá em baixo em sua parte inferior, onde deve estar o fundo que se supõe todo vale possua. Talvez haja até por que duvidar da existência do aparentemente inevitável contato destes maciços montanhosos.

Nada vejo exceto o que está nas enormes vertentes deste abismo: esta que desço e a oposta em que meus olhos cruzam com os  teus.

Tu, viajante que desces, prossegues tua caminhada por dias, meses, por anos a fio. Compreendes assim quão altas essas encostas são. Abaixo, porém, permanece visível apenas a profundeza sem fim, imutável. Não, não vês nenhuma névoa.

Impera uma assombrosa nitidez nos dois horizontes: aquele de onde vieste e o outro para onde segues. Ambos te fazem imaginar serem infinitos.

Prosseguimos, décadas afora, a caminhar por este declive sem fim, sem nada nem ninguém encontrar que possa nos dizer quando, ou se, atingiremos um dia terreno horizontal.

Agora, ao olhar para o alto, já nem estamos certos da veracidade das lembranças de que um dia partimos de um chão sem declive.

Rumamos, já sem ilusões de que existam rio ou planície aonde chegar.

Cada um de nós mira, então, a vertente oposta, até nossos olhares mais uma vez se encontrarem.

Nem tu, nem eu seremos capazes, em vida, de transpor esse abismo.

## Rosa

*“Transforma-se o amador na coisa amada,*

*Por virtude do muito imaginar”*

*Luís de Camões*

Quando cheguei a Corumbá, sabia, sim, de minha origem. E tratei de não ocultá-la de ninguém. As pessoas, no entanto, recusaram-se a dar-me crédito. Pouco após a publicação daquela matéria num jornal do Rio, virei uma celebridade. Minha *história*, que muitos teimavam que se devesse escrever *‘estória’*, onde conto de onde venho, tomaram por piada, meus prantos, chamados de performance dramática digna de um Oscar da Academia de Hollywood.

Algumas semanas depois, recebi do Serviço Nacional de Imigração, um ‘visto permanente de turista’, especialmente concedido por intercessão presidencial. Assim, foi-me dado o direito de viajar pelas ainda estupendas paisagens do Brasil, na condição de turista! Uma turista perpétua.

Quanto a esse paradoxo num papel concedido a mim ‘por ter ajudado tanto no incremento ao interesse pela terra pantaneira por todo o planeta’ nas palavras daquela dona da presidência do Brasil, pessoas simpáticas a mim logo questionaram por que não me concediam um visto por tempo ilimitado -- sem esse estranho qualificativo ‘de turista permanente’? Funcionários federais me responderam haver aí uma ironia da senhora presidente, que ‘procurava manter-se à altura de minhas piadas tão sutis e de bom gosto’.

Por essa mesma razão, qual seja, a ‘irônica estória’ acerca de minha origem como fêmea humana, tornava-se impossível, segundo o governo, entregar-me qualquer documento definitivo de identidade. Outras pessoas ainda alegaram, mas sem confirmação oficial, que minha ‘estória’ havia sido considerada machista, ou mesmo ofensiva às mulheres.

Minha história nada tem de ofensivo a esses seres semidivinos que são as fêmeas humanas, simplesmente por ser verídica. Tenho notado, neste meu breve contato com os humanos, que alguns deles pecam por falar e escrever, ou até sonhar e discursar, fazendo uso excessivo de palavras carentes de significado, meros fantasmas vazios, verbo-carcinomas, tumores de palavras inúteis, que podem dar metástases, palavrórios também vazios pois não se referem a coisa alguma.

Por outro lado, se para alguém fizer ainda sentido essa suspeita de ofensa às mulheres, peço que me perdoem. Lembrem-se de que, afinal, não me sinto até hoje uma fêmea humana. A despeito deste meu corpo atual, nasci jacaré.

Ainda que recebesse centenas de convites para viajar, não tive qualquer ímpeto de deixar Corumbá. Segui morando naquele pequeno hotel, em que todos cuidavam de mim com tantas gentilezas.

Nada gentis, entretanto, eram aqueles homens do centro da cidade, sempre me lançando olhares fixos e tão estranhos, como se fossem lobos a me espreitar.

Quando chegava o pôr-do-sol sentia-me feliz, respirando a tão perfumada brisa de meu grande rio, esse mesmo a que a nação Tupi-Guarani em tempos passados deu o nome de Paraguai.

Apesar de estar tão rodeada por machos lascivos e apaixonados por mim, desde minha chegada, tardei a entregar-me a qualquer um deles. O homem que, enfim, me seduziu foi o mesmo jornalista, ou seja, Francisco Rosa, cujo artigo foi reconhecido pelo mundo afora como o primeiro relato digno de crédito acerca de minha real existência.

Minha vacilante, mas firme, decisão de não me envolver com qualquer um deles não se devia a ressentimento pelo descrédito com que minha história foi recebida. Antes, um pressentimento mais íntimo e grave estava me mantendo assim distante de machos humanos: temia que tudo pudesse repetir-se, como quando aquele horrível caçador foi devorado por dezenas de piranhas que saíam de meu útero.

Confesso que, certa tarde, retornei àquele alagado em que me transformei em mulher. Entretanto, não fui reconhecida por meus próprios filhos jacarés. Entristecida, voltei às pressas ao hotel de Corumbá, o ‘Pousada Cuitelinho’.

Só fui capaz de me dar a Francisco Rosa, quando o convenci da veracidade de minha vida pregressa de réptil. Estávamos caminhando ao longo do rio -- eu louca de tesão por ele, o mesmo desejo que sinto por todo macho humano desde que os conheço. Ele falava da intensa paixão que nutria por mim, dizendo que era a mais magnífica mulher que já vira. Não tinha dormido uma única noite desde o dia em que testemunhara minha chegada a Corumbá. Isso não pareceu exagero de  sedutor, pois tinha fundas olheiras. Falou-me ainda algo de sua grande fama conseguida por minha causa, uma vez que seu artigo a meu respeito tinha sido o melhor por ele já escrito, segundo se dizia.

Fiz-lhe saber, então, da dor que tal reportagem me trouxera, ao se referir a mim como criadora de “estória genialmente irônica, fascinante, cuja finalidade seria ocultar as reais intenções de outrem sobre nossa riquíssima biodiversidade pantaneira”.

Constrangido, Rosa pediu desculpas. Disse, por fim, que aquilo se passara havia tanto tempo, que eu não deveria dar atenção ao que havia sido publicado no distante Rio de Janeiro, ou a tais conteúdos *grosseiros*.

Percebi, sob seu leve traje, a espessura rígida de seu órgão de macho humano, semelhante ao do coureiro, ainda que maior e mais belo. Há meses que eu não tocava em um ser tão cheio de desejos. Deitamo-nos sob a copa de enorme jequitibá-rosa. Eu não quis, todavia, entregar-me por inteiro antes de exigir de Francisco Rosa a confissão de que, no fundo, acreditava mais no “meu relato do que na realidade de sua própria existência”. E que se restasse qualquer risco de ser devorado por piranhas, ou mesmo por dezenas de pequenos jacarés, isso pouco lhe importaria. Concluí, então, que estava sendo sincero. Não era só mais uma fala de amantes, nem apenas outra mentira para poder penetrar-me enfim, pois que estávamos nus e intensamente desejosos.

Inegavelmente, Rosa era grosso. Tão grosso que tive uivos desde o primeiro momento de sua penetração em meu corpo. Supliquei-lhe várias vezes para adiar a liberação de esperma, alegando que queria ter orgasmos múltiplos, como era então moda as mulheres exigirem de seus parceiros. Tentei conter-me, na verdade, porque a certeza permanecia em minha mente de que algo não propriamente humano sobreviria ali. Algo de incomum, totalmente fora do alcance da mente de Rosa, mas acessível a minha intuição.

A rigidez daquele pênis, e a fricção de seu pelo e de seus dedos em meus genitais eram irresistíveis, de modo que os tais orgasmos múltiplos acabaram por se impor. Eu me abri totalmente pra ele, que manteve uma ereção prolongada e me levou ainda a tantas outras explosões de prazer. Num de tais momentos de clímax, eu não poderia ter qualquer traço de consciência para ser capaz de dizer-lhe para não ejacular. Mas, mesmo se conseguisse falar, Rosa não quereria me ouvir.

Meu gozo mais intenso, sob aquela árvore, foi contemplado pelo olhar extasiado de um grupo de rapazes, que há mais de hora nos olhavam, e deu-se sincronizado com a ejaculação de Francisco. Olhei para os olhos dele fixamente. Era um homem belo e forte como uma rosa vermelha.

Seu corpo não foi devorado por piranhas ou jacarés. Seu destino não seria assim tão ruim. Meu grande amor tornou-se, ele próprio, um jacaré macho.

Quanto aos seis rapazes, homens em botão que estavam a invejar nossa foda, rapidamente se revezaram a preencher-me com seu sêmen -- talvez humano, talvez réptil. E a seguir tiveram o mesmo destino de Rosa.

Levantei-me, após um sono leve. Sete jacarés me circundavam. Impossível distinguir dentre eles quais dos homens haviam sido. Sequer de Rosa fui capaz de discernir qualquer traço. Assim que me pus a caminhar,  rapidamente mergulharam nas águas de nosso Rio Paraguai.

## Escatologicamente

## 

*“Diz a velha lenda que o rei Midas perseguiu o astuto Sileno, acompanhante de Dioniso, por muito tempo em meio à floresta, sem conseguir capturá-lo. Quando enfim caiu em suas mãos, perguntou-lhe o rei qual seria para um homem o maior dentre todos os bens, o maior dentre todos os privilégios. Inflexível e imóvel calou-se o demônio...”*

*Friederich Nietzsche*

Todo o dinheiro do mundo, sob todas as formas existentes, subitamente se viu e cheirou transformado em excrementos humanos.

Brotaram reações individuais muito díspares, todas marcadas por intenso espanto. O banqueiro contava notas que se desmancharam, e amolecidas, ou pastosas, deslizaram de suas mãos. Astuto, não ordenou que os faxineiros lançassem toda aquela montanha fecal ao esgoto, uma vez que pôde perceber rapidamente que todo o seu gigantesco patrimônio tinha agora esse novo modo de estar-no-mundo.

Mendigos, favelados, pedintes e miseráveis de toda sorte foram tomados por intensa euforia, e puseram-se a comer verduras, capins, terra pura ou seja lá o que fosse que os fizesse defecar em abundância.

Todo o ouro do planeta converteu-se numa forma leve, docemente malcheirosa de fezes  amareladas, semelhante à dos bebês de poucos meses.

Surgiram boatos na internet de que governantes de todo o mundo, visando a restabelecer a ordem global, fariam imprimir dinheiro novo, numa operação a que chamaram de Emergencial *Worldwide Quantitative Easing*. Certificou-se, ampla e prontamente, que seria aceita a troca daquilo em que se transformara o antigo dinheiro, escatologicamente transformado, pela recém-criada e tão desejada moeda. Dessa forma, a cada cidadão seria atribuído o direito de intercambiar seu quinhão fecal, pouco importando o volume e demais características peculiares, por um novo depósito à vista na moeda salvadora. Cobrar-se-iam, de todo cidadão da Terra, os cabíveis impostos sobre operações financeiras (I.O.F.), bem como os custos, ainda por estimar, de tal transação.

Contudo, toda tentativa de fabricar dólares, libras esterlinas, euros, yenes, yuans, reais, ou quaisquer outras unidades monetárias, redundou inexoravelmente na mesma merda!

Quanto aos cheques e cartões de crédito, quando preenchidos ou validados por senhas, imediatamente evaporavam-se em fétidos flatus.

Diante do poderoso diz-que-diz de que as autoridades bancárias fariam a troca de excrementos por novos e valorosos depósitos, centenas de milhões de homens e mulheres puseram-se a drenar, ou a tentar fazê-lo, esgotos e congêneres, por todo o planeta. Multidões esforçavam-se ainda por engarrafar gases intestinais, na esperança de vir a alegar terem tido origem em cheques ou cartões de imenso valor.

O irrespirável ambiente interno das casas bancárias havia sido, então, meticulosamente higienizado, e todos os resquícios detectáveis, por varredura de microscópio eletrônico ou de outros sensores poderosos, de excrementos, gases ou muco intestinal estavam, a essa altura, trancafiados em herméticos e invioláveis cofres. A segurança armada de toda agência bancária lembrava, então, o grupo de americanos na operação exitosa de caça a Bin Laden.

Na internet, bem como em outros veículos de mídia, supostos experts  ofereciam-se para auxiliar eventuais clientes que desejassem discernir dólares de euros, ou de qualquer moeda, apenas pelo cheiro. Ainda que fosse patente que pouco, ou mesmo nada, se pudesse saber dos preços relativos entre as economias nacionais, todo financista parecia ainda respirar dos mesmos ares anteriores ao grande cataclisma.

Entrementes, bilionários, banqueiros e homens de negócios em geral, angustiados aguardavam por uma manifestação oficial, ou ainda que fosse por um boato esclarecedor, acerca do que vinha ocorrendo na Suíça desde a grande hecatombe fecal-financeira globalizada. Nesse país centro-europeu, ao contrário do resto do mundo, as centrais de notícias haviam silenciado por completo desde o primeiro instante de escatos (ou skatos). Ninguém, nem mesmo guardas de fronteira ou espiões souberam informar se todo o franco suíço fora, como se julgava a princípio bem provável, igual e fecalmente monetizado. Permanecia, portanto, essa grande incógnita acerca dos arqui-zilionários depósitos em moedas fortes e ouro dos bancos de Zürich, Genève ou Basel. Houve mesmo quem imaginasse ter havido ali grave situação sanitária, em vista da expansão sofrida pelo dinheiro ao transformar-se em merda: inúmeros cofres gigantes teriam explodido pelo incremento repentino de pressão interna. Todo o material fecal teria escoado para o lago Genebra, inviabilizando o próprio laboratório subterrâneo do CERN. Tudo isso, porém, não saía do campo fluido das hipóteses.

Em seguida, novos boatos na internet: fora convocada uma assembléia extraordinária da Organização das Nações Unidas, à qual se seguira reunião de emergência do Conselho de Segurança. Este teria deliberado datar todo excremento humano com carbono radioativo (C14). Seria esse o único modo seguro de dar valor monetário a quinhões fecais que, de fato, tivessem sido dinheiro ou ouro antes do Big Shitting, para uma eventual recuperação de ativos mediante algum tipo de moeda. Muito embora ninguém tivesse a menor ideia de como pôr em prática a gigantesca remonetização de tanta moerda

Todos os países membros da ONU teriam subscrito o tal documento, exceção feita à Confederatio Helvetica, ou seja, à Suíça. Seus representantes diplomáticos alegavam não ter recebido qualquer orientação de voto, nem notícia de seu país desde o Big Shitting. Não houve quem levasse a sério tais declarações, e os helvéticos se tornaram alvo de gravíssimas suspeitas.

Submerso num oceano de incertezas insalubres, os seres humanos passaram a acumular suas fezes dentro dos pequenos e nefastos sacos plásticos de supermercado, sob seus cobertores, dentro de geladeiras, ou mesmo ao ar livre. Ninguém usava mais latrinas, nem descartava fraldas de recém-nascidos como em outros tempos. Todos buscavam esforçar-se para juntar em seu poder a maior parte desse estofo tão peculiar, que acreditavam pudesse trazer-lhes a fortuna pessoal.

Tudo sugeria, então, que os humanos se iam acostumando a viver com o que, pouco tempo antes, era visto como o mais repugnante de seus produtos. Os odores fecais eram mais tolerados, ou mesmo tidos por “mais suaves, perfeitamente suportáveis”, até mesmo em situações sociais, onde dantes sua presença seria abominada. “Certamente éramos por demais restritivos em termos da amplitude de nossa diversidade olfatória”, resumiu o Doutor Cheques Lecan, eminente psicanalista parisiense, cujas palavras logo foram mecanicamente repetidas por toda parte.

No Altiplano Andino, estrategistas militares tomaram o poder através de mais um golpe de Estado. Nada parecia sugerir que a prata tivesse sido atingida pela praga de eschatos (ou skatos? Uma comissão internacional de linguistas foi criada para decidir qual a grafia correta). O novo presidente decretou que treze mil toneladas de moedas de prata teriam de ser imediatamente cunhadas. Tal produto seria destinado à exportação para circular como meio de pagamento por todo o mundo. Numa face, viria impresso em alto relevo o busto do general de quem proviera essa astuta deliberação, já que havia tomado o poder imediatamente após ter-lhe ocorrido essa reluzente idéia. Quanto à outra face, não se poderia deixar de prestar homenagem a skatos (eschatos?), o evento catastrófico gerador de uma opulência nacional outrora inimaginável. “Destruição criadora” foi o epíteto então associado ao Big Shitting, capaz de reconduzir ao poder “todos os corações e mentes dos cidadãos de nossa pátria, antes tão desunida quanto injusta com os humildes trabalhadores”. Ali viria o contorno típico assumido por fezes humanas quando liberadas natural e espontaneamente sobre o solo, retorcidas em caracol sobre si mesmas.

Cara e coroa.

Imediatamente esse político se tornou o mais popular presidente da história de seu país. Num discurso transmitido pela TV, na noite anterior à grande cunhagem libertadora, Luís Ignerto Luna D’Argento, bastante entusiasmado, alto proclamou:

“Amanhã nosso povo vai mostrar ao mundo com que finalidade Deus nos deu esta pátria, cuja Natureza é a mais rica dentre todas. Após produzirmos o novo dinheiro com NOSSA PRATA, teremos mostrado às outras nações, tragicamente hoje submersas sob um tsunami de merda, que este último para nós nada mais foi que uma marolinha sem importância.”

Seu discurso terminou com a multidão aos gritos repetindo incontáveis vezes: A PRATA É NOSSA! A PRATOBRÁS É NOSSA!

O fracasso sul-americano desencadeou um novo golpe de Estado, já que uma rápida decisão era necessária em tantos e urgentes temas, e o perturbado presidente “criativo” se mostrava incapaz até mesmo de dirigir um único pronunciamento a seu povo. Uma desinfecção radical da Casa das Moedas, não poderia mais ser adiada. Milhares de toneladas desses bem formados e frágeis, quase perfumados dejetos -- que era o atual estado de todo o nobre metal depois da tentativa de cunhagem -- estavam a exigir uma limpeza rápida, total e impecável.

A nova maneira de lidar com a riqueza das nações surgiu, paradoxalmente e por fim, de outra nação emergente. Seu ministro, velho e sábio professor universitário de economia, homem gordo e desajeitado, seguia respeitado em todo o mundo como um dos cérebros mais eminentes a serviço de tal ciência. Anunciou ter um plano infalível, que seria revelado assim que se encerrassem certas tratativas diplomáticas. Não disse com qual ou quais representantes internacionais negociava.

Qualquer que fosse o tipo de solução, ela não poderia mais tardar, já que o planeta todo sofria sérios danos de uma tal crise monetária tão avassaladora.

As socialites mais notáveis, tão constrangidas por ter que manter sob tutela rígida a nova e tão estranha configuração assumida por suas jóias e demais pertences de valor, pressionavam maridos e governantes a ponto de quase enlouquecê-los.

Quanto aos pobres de longa data, foram perecendo às centenas de milhões por mês, vítimas de uma doença semelhante ao cólera, decorrente de ingerirem, ou de tentar comer todos os tipos de coisas desde galhos verdes de árvores a terra pura. Esvaíam-se, moribundos, tentando não perder uma única gota do líquido “preciosíssimo” que excretavam.

Finalmente, em meados daquele mês de julho, o ministro da economia já mencionado declarou, em um comunicado oficial em seu blog, que seu Plano Global de Ação estava já todo redigido, com os cálculos cabíveis postos em planilhas. Esperava-se tão só por uma única e definitiva resposta a certa consulta, de conteúdo secreto, dirigida ao governo suíço. Caso fosse positiva, a ONU já havia declarado seu apoio à realização das operações de infraestrutura macro e microeconômicas necessárias para pôr fim à pior, mais exasperante crise econômica de todos os tempos.

Deve ser esclarecido que as desconfianças generalizadas sobre o povo suíço focavam-se, a essa altura, em torno de suposta arma poderosíssima, talvez biológica, cultivada nos Alpes e, em seguida, espalhada através de minúsculos veículos voadores não tripulados, microdrones, por todos os continentes, com intenções hegemônicas. Tal arma seria a causa última de eschatos ou skatos (alguns ainda estavam a discutir qual a melhor grafia). Isso explicaria o silêncio absoluto dos meios de comunicação naquele país desde o Big Shitting. Depois que a praga tivesse terminado, a Confederação Helvética se transformaria em Confederação do Planeta Helvético, senhora deste mundo que já há tanto tempo necessita pôr fim a conflitos nacionais, que o vêm destruindo a velocidade crescente. Sonhava-se, então, com o ouro, a prata, e também com aquelas enormes quantidades de dólares, euros e ienes restantes, supostas ainda preservadas, acima das altas montanhas, em meio a geleiras, pinheiros, lagos. Sonhava-se ainda com a salvação da Natureza de Gaia.

Nos países ditos “socialistas”, ou “comunistas”, algo um pouco diferente ocorreu, que logo foi interpretado como complementar à *“Revolução Fecal”*, expressão ali usada pra operar a síntese entre a “Revolução Popular”, ideia tão cara a essas culturas e o *Big Shitting* universal: todo e qualquer papel timbrado com a assinatura de altos funcionários do Estado também se transformou em merda. Bastante dura, compacta, e malcheirosa como a de pessoas cronicamente obstipadas, mas puríssima merda.

Por fim, quando veio a confirmação suíça, aceitando os termos da Nova Ordem Econômica Global, foi dado a conhecer o texto da Lex Magna (Grande Lei), do *New Big Shitting’s Global Deal*, que logo tantos outros ministros e chefes de Estado, bem como a ONU subscreveram.

Foi rapidamente sancionado, sob um regime de lei marcial, em todo o mundo. A seguir texto publicado neste país:

**Decreto n º 001 (UM) da Era Escatológica (ou Skatológica):**

Todo e qualquer cidadão desta nação, bem como os estrangeiros que possuam visto temporário ou permanente, os turistas e os representantes diplomáticos, a partir de agora estão obrigados a defecar exclusivamente à vista de pelo menos um membro da recém-criada Milícia de Fiscalização Econômica e Sanitária (MFESI). Seus excrementos fecais estarão automática e imediatamente confiscados aos cofres públicos. Ser-lhes-á restituído o montante assim arrecadado, através do reembolso em alimentos fibrosos, de preferência vegetais. Cabe aos membros desta Milícia qualificar, pesar e quantificar a massa de dejetos de cada ser humano dentro dos limites de nossas fronteiras pátrias. Leis complementares cuidarão das minúcias técnicas e demais detalhes de operacionalização necessários para essas delicadas transações monetárias.

O volume arrecadado dessa forma será depositado no recém-fundado Banco Central da Boa Pépsis (BCBP).

Os servidores públicos da MFESI, bem como os do BCBP, e de instâncias intermediárias, têm desde logo assegurado o direito de defecar tão só diante de um de seus superiores imediatos, e receberão o mesmo tipo de pagamento que os demais cidadãos.

**Adendo penal** **1)** Todo e qualquer indivíduo, estrangeiro ou cidadão deste país, que trafique ou comercialize fezes humanas ilegalmente, será condenado à reclusão perpétua na  Câmara Defecação, onde só lhe será permitido comer e obrar até seu / sua morte natural.

**Adendo da ordem financeira** **2)** Informações precisas sobre volume e massa de nossas reservas fecais de riqueza serão dados periodicamente ao embaixador suíço.

                                 Professor Doutor Eurico Furtado

            Ministro da Economia da República Federativa do Brasil

*“... Até o momento em que, coagido por Midas, Sileno irrompeu em riso estridente, e proferiu estas palavras: 'Miserável gênero humano, que dura só um dia, crianças nascidas por obra do acaso e feitas para o trabalho árduo. O que me obrigas a dizer? Algo que seria melhor para ti não ouvir? O maior de todos os bens te é totalmente inatingível: não ter nascido, não ser, ser nada. O segundo de todos os teus maiores bens é, todavia, morrer logo.’”*

*--- Friedrich Nietzsche, O Nascimento da Tragédia § 3*

## O Rio Paraguai e a Condição Humana

Hoje todos já me levam a sério, pois sabem que sou mesmo a jacaré-fêmea que, para defender meus ovos, tornei-me  mulher e levei à paixão imediata o coureiro assassino. Têm conhecimento, também, do que se passou com Francisco Rosa e aquele grupo de rapazes. Eles foram  apenas os primeiros dentre tantos que vieram à procura de momentos de amor carnal comigo. Logo percebi que, exigindo dinheiro em troca de deixar que se satisfizessem em meu corpo, teria como retribuir os cuidados a mim dedicados pelas pessoas da pequena ‘*Pousada do Cuitelinho*’ então já renomeada para *‘Hotel do Último Desejo’.*

Assim, fui transformando homens em jacarés, a preços crescentes. Todos sabedores de que seu destino seria mesmo tornar-se réptil após o gozo, seu tesão por mim, porém, acabava com qualquer resistência sua que visasse a não abdicar da condição humana.

Instalei-me no andar térreo, onde o pessoal do hotel havia cavado um fosso profundo, do qual não era possível entrever aonde chegasse, mas que eu sabia ir dar no meu Rio Paraguai. Tantos e tantos fui recebendo, dotados de díspares conformações corporais, idades, cores, raças e cheiros, sempre os desejei com igual ímpeto, com o mesmo tesão pelos machos humanos desde o coureiro, Rosa e aqueles botõezinhos tão jovens.

Às vezes vinham a mim em grupos, querendo surubas. Alegando performance especial, eu aumentava muito o preço por cabeça. Assim, em certa madrugada recebi um grupo de doze homens vindos de Buenos Aires. Rodearam-me, fui posta bem ao centro de um círculo formado por aquela dúzia de corpos nus. Depois, fizeram-me saltar de colo em colo, pau em pau, um a um a adiar a ejaculação a duras penas. Couros duros, duros couros, foram doze jacarés ao gozar. Lépidos, fugiram como faziam todos rumo ao canal subterrâneo de onde emana a brisa cheirosa do Paraguai.

A primeira das fêmeas humanas que me procurou, com igual intenção de comprar meu desejo, chegou com poses masculinas, trejeitos rudes, casaco a imitar paletó para ocultar seus volumosos e belos seios. Apesar desses gestos estereotipados, tirados de clichês falsos e vazios, revelou-se doce e terna amante. Não se fez jacaré após o orgasmo, prosseguiu mulher.

Tive, então, medo de ter perdido os poderes mágicos, que alguns chamam de dons sobrenaturais. Esses, que assim pensam, vivem a observar e a medir tudo deste mundo, com ele pouco interagindo. Dizem ser os “cientistas objetivos”. De meu ponto-de-vista, meus dons nada têm que já não faça parte, desde que o mundo é mundo, da Natureza divina de nossa Mãe-Terra, Patchamama, Gaya.

Quanto à estranha Cecily, ergueu-se de meu leito tão fêmea quanto sempre fôramos. E, na manhã seguinte, logo ocupou um quarto ao lado do meu, passando a atrair infindáveis humanos em busca de seu corpo. Também ela agora transformava seus parceiros em jacarés.

Tornamo-nos idênticas em tudo. Mulheres que viessem em busca de nosso amor assumiam logo nossa tarefa comum. Proliferamos. Vinha gente de todo canto do globo: logo o Pantanal teria tantos jacarés quanto antes da chegada dos homens brancos e negros. Corumbá passava, então, por mudanças rápidas demais, e houve quem temesse “distúrbios de rua, desordens, anarquia”.

Foi por esse tempo que recebi a visita de um estranho tipo, trajando bata negra, com olhos de esquilo arredio e doente. Falou com voz lenta, feia e grave, semelhante ao cururu do sapo, que ali viera em nome de um certo ‘deus’, e que eu estava possuída pelo ‘demônio’, ou que talvez fosse o próprio. A seguir, pôs-se nu, deixando sobre o sofá roupa, colares e adornos de madeira e pedras, lançando-se sobre minha cama. Ao escapulir para o rio, era um jacaré franzino e pálido, de sexo indistinguível. É bem possível que sobreviva mesmo que fervilhem os coureiros, pois bastará que finja ser uma lagartixa doméstica, o que lhe será bem fácil.

Depois dele veio, com intenções semelhantes, um homem armado e vestido de verde. A seguir, um orador eloquente, com retórica poderosa. Para tentar dissuadir-me de minha “atividade imoral e niilista”, o policial só disse três palavras antes de obrigar-me a mostrar toda minha nudez, e saiu-me um desses répteis de couro espesso, mas pouco espertos e muito raivosos, capazes de saltar metros em vão para tentar vingar-se de uma única mosca que lhes perturbou o sono. Quanto ao político, que disse mil palavras onde poderia nada ter dito (com igual conteúdo), tornou-se um réptil medroso, que quer roubar comida de outros bichos, mas só o consegue das pobres e lerdas tartarugas, incapazes de alcançá-lo. Gosta também de fazer pose de muito importante e poderoso. Não é!

Parecia, portanto, que meu destino seria continuar a viver ali pra sempre, sem mais surpresas. Permaneceria junto de outras semideusas, cujo sentido de existir parecia esgotar-se em reverter o extermínio secular dos jacarés.

Anos já passados, veio o dia em que poucos sabiam distinguir, mesmo entre os que trabalhavam em nosso hotel, qual de nós havia sido a primeira mulher-jacaré. Ficáramos cada vez mais parecidas entre nós, com o tempo. Não, não fiquei nem um pouco magoada com isso! Não desejo fama ou glória. O que anseio loucamente são machos e fêmeas fortes, cheios de desejo por mim. Humanos todos, ainda que por pouco tempo em tal condição.

Num amanhecer de primavera, em meio ao canto dos sabiás, recebi notícia de que um homem, recém-chegado de São Paulo, buscava por mim. Ele não pagaria nada por qualquer outra mulher, porque seu interesse seria exclusivamente o de estar comigo:

"Quero a mulher de Corumbá, a primeira, que surgiu em meio ao Pantanal e foi descrita num artigo de Francisco Rosa para um jornal do Rio."

Quando soube que havia mencionado Rosa, rapidamente fui ao encontro dele, em pessoa. Por algum motivo, sugeriu que nos falássemos no salão defronte à recepção do hotel, pois queria, antes de qualquer outro contato, conversar em calma comigo. Prontamente aceitei seu doce convite.

"A verdade, magnífica e encantadora semideusa, é que sou incapaz de amar alguém antes de uma bem longa conversa, face-a-face, contando histórias e sonhos um ao outro. Incapaz de dar-me como um garoto sem saber algo de seus sonhos bons, de seus pesadelos e fantasias. Essas mesmas fantasias de menina que permanecem no fundo de seu coração. Incapaz de ser inteiramente teu, antes que me digas o que pensas dos pais, das mães e dos filhos, dos nomes do belo, do Tempo, do Infinito, do Eterno, de Deus".

Deixei meu quarto de hotel com seu túnel. Estamos agora num apartamento do centro de São Paulo, lado a lado deitados. Ele tenta dormir e não consegue. Segredou-me que sua insônia já dura anos, e que decidiu buscar-me em seus próprios contos para quem sabe conseguir dormir. Pouco lhe importa se, para tanto, tiver que tornar-se um jacaré, o que pensou fosse resultar ao fazer amor comigo. Porém, pela primeira vez, meu poder mágico fracassou, lá mesmo naquela manhã de primavera ainda em Corumbá. Tenho muito sono, e com certeza dormirei antes de Francisco. Acaba de dizer-me que para a tentativa desta noite criou um novo ardil, que há de fazê-lo adormecer. Não me disse como possa ser essa nova tática para derrotar a insônia. Vejo que se agita muito na cama, olhos fechados, como quem encena algo.

Amanhã me conta tudo.

Eu o amo mais que a qualquer ser que um dia cruzou comigo. Tenha sido humano ou não.

## El Condor Pasa

*“Alguma coisa acontece no meu coração,*

*Que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João”*

*Caetano Veloso, Sampa.*

Por um bom tempo em minha vida, eu não tive este medo deles. Penso que por décadas me tenham sido tão distantes e pouco conhecidos, que apenas me lembro de admirar vagamente seu voo, tão solitário, por entre inalcançáveis cumes andinos.

Quando procuro as causas para tão radical transformação de meu sentimento, nunca encontro nada. Ouvi conselhos para tentar relembrar as primeiras imagens que dele tive na infância, supostamente ricas já em angústia em estado embrionário. Assim seria, diziam, no início de todos os medos irracionais. Não, porém, no meu caso. Nada há que possa ligar à origem de meu pavor, exceto um único fato ridículo: um inocente diálogo acerca da pronúncia correta de seu nome.

Paco, meu amigo peruano, vivendo em São Paulo, tão distante de seu país há muito tempo, falava-me do esplêndido vôo dos condores. Quase sem sotaque, exímio aprendiz de nossa prosódia, no entanto, pronunciou a palavra côndores, assim, colocando o acento tônico na primeira sílaba, como é a maneira correta em espanhol, mas um erro bem conhecido  em português. Eu, assumido sabe-tudo inveterado, o corrigi de imediato: “acentua-se a segunda sílaba, Paco: condores, nunca côndores”.

Ele retrucou: “Você se engana. Chamam-se côndores”.

“Em sua língua, sim, Paco, tenho ciência disso. Mas em português, não! A pronúncia consagrada é condor, jamais côndor”.

Polidamente, ou presumindo agir assim, eu disse, na ocasião, só essas poucas frases e nada mais. Foram suficientes para Paco proferir sua frase tão banal, mas poderosa. Essa mesma frase que, de uma só vez e para sempre, desencadeou em mim esta tormenta em torno da qual meus incessantes pensamentos não conseguem afastar-se.

Mirou meus olhos, com seu rosto de príncipe inca, com sua *cabezita negra*, e mostrando um desdém sutil e sarcástico, lançou-me aquela afirmação, aparentemente apenas tão verdadeira e irônica. Foi-me, todavia, fatal:

*''Em Portugal não há côndores ''*.

Deixou evidente, ainda outra vez, quão inteligente é, além de criativo e dotado de fino senso de humor. Evidenciou-se, também, minha fragilidade de sabe-tudo.

Imediatamente pus-me a rir em voz alta. A partir desse mesmo riso emergiu meu pavor. Este que, minutos depois, se instalou em mim com toda virulência, para nunca mais partir.

Paco nada parece ter notado. Sem dizer mais palavra, saí de seu estúdio de fotografia, já incapaz de olhar para o alto. Era como se estivessem subitamente ali, próximos ao centro de São Paulo, recém-chegados de seus picos andinos.

Não temo que me ataquem como fazem os falcões com suas presas. Isso seria estúpido, pois sempre soube que, a despeito de seu porte, condores não capturam animais vivos. Tanto menos um humano vivo.

Tenho medo, sim, de dirigir meus olhos para o céu e assim poder encará-los de frente. Medo de defrontar-me com sua negritude e com seus olhares, aqui no meio deste amontoado de concreto empilhado em que se transformou esta gigantesca e deprimente megalópole em que vivo.

Paro minhas caminhadas por breves momentos, só para imaginar  seu vôo acima dos mais altos arranha-céus, construindo seus ninhos dentro dos apartamentos abandonados. Devaneando, sou capaz de vê-los, sem tirar os olhos do chão, esvoaçantes às centenas ao redor das torres de radiodifusão do planalto da Paulista.

Se, por qualquer razão, me perguntam o que é que me faz tão desanimado e cabisbaixo, mesmo em locais hermeticamente enclausurados, como o metrô, procuro fazer ouvidos de mercador, desconversar. Quando insistem na questão, digo que estou apenas um pouco triste, uma vez que esta é, dizem, uma postura típica de pessoa entristecida. Mas isso é, obviamente, mentira. Não há qualquer tristeza em mim. Este meu pavor nunca prejudica meu humor. Pelo contrário, tantas vezes me põe mais animado.

Alegro-me quando, mesmo cheio de terror, imagino que este condor, que incessantemente me segue pelas ruas, tanto se ocupa só comigo. Quem sabe tenham vindo todos, atravessando nosso continente no rumo leste, só para me amedrontar, e a mais ninguém. Ah, sim, pensar desta forma me faz feliz, e julgo ter encontrado inúmeras provas quotidianas e prosaicas da realidade inegável desses pensamentos.

Sou o único a permanecer incessantemente com o olhar fixo ao solo,  mesmo logo ao acordar, pois, sempre dormindo sobre meu mesmo lado direito, já estou olhando para o carpete do quarto quando abro os olhos.

A partir dessas observações, deduzo que não causam ansiedade, angústia, medo, pavor ou pânico em mais ninguém além de mim. Claro que, apesar disso, não posso certificar-me, de forma cabal e definitiva, de que não exista outro habitante de São Paulo a viver em posição idêntica à minha. Seria até possível existirem inúmeros outros, talvez multidões ou mesmo milhões de pessoas como. Quem sabe todos os 22 milhões de habitantes da Grande São Paulo. Não visualizo nenhum dado empírico capaz de refutar a hipótese terrível que cada habitante desta estranha  metrópole esteja agora a viver nesta mesma condição, assumindo uma postura idêntica. Sendo para mim impossível voltar a olhar para rostos humanos, não posso de maneira alguma refutar tão triste conjectura.

Guardo em um canto de minha mente, contudo, esta convicção íntima de que os condores vieram a São Paulo só por minha causa. Em maciça e derradeira migração. Sinto-me muito honrado e glorificado, e então  procuro por algum feito passado, que pudesse fazer-me merecedor de tal escolha dos céus andinos.

Nas noites em que consigo adormecer, sempre sonho que perco todo medo e os encaro face a face. Sonho especialmente com esse que me segue tanto pelas ruas, praças e avenidas -- o mais bonito e mais forte entre eles. El Condor fala comigo em espanhol, a única maneira que encontrei para conversarmos, porque não conheço uma única palavra de seu idioma quéchua.

*---“No deberías aterrorizarte por nuestra simples existencia y migración en masa de San Pablo. Ni amigo, por el hecho de solo caberme a mi seguirte constantemente*”. [“*Você não deve aterrorizar-se por nossa mera existência e migração em massa para São Paulo. Nem amigo, pelo fato de caber só a mim segui-lo constantemente*".]

Respondo-lhe que sua existência, ou o mero fato de me seguir sem trégua não me apavoram em nada, e acrescento que meu único medo é vir a ser obrigado a encará-lo.

Na verdade, porém, temo também vê-lo à distância, ou ouvir o ruidoso ruflar de suas asas portentosas, mesmo que muitos metros acima de mim. No entanto, dado que essas ruas e avenidas são extremamente barulhentas, nunca ouvi qualquer som que pudesse ser atribuído a *mi condor*. Apesar disso, para manter-me seguro contra qualquer silêncio repentino, mesmo tão improvável, das máquinas da cidade, comprei um par de fones de ouvido para proteger-me ainda mais de meu pânico pessoal. Assim equipado, passei a vagar pelas ruas com bolinhas pretas em meus ouvidos.

Uma vez que não portava comigo qualquer dispositivo para reproduzir sons, algumas pessoas ficaram perplexas ao ver minha postura cabisbaixa, com enormes fones de ouvido. Tive que dizer a elas que se tratava de uma prescrição médica para evitar o estresse dos barulhos urbanos, mas poucos deram crédito a isso. Assim, finalmente comprei um smartphone com rádio FM, que nunca acionei. Minha aparência, todavia, tornou-se menos excêntrica, e pude, finalmente, ter alguma esperança de que mesmo olhando fixamente para o chão, não haveria nada a distinguir-me disso que hoje se considera um habitante humano normal de Sampa.

Durante todos esses anos de cabeça baixa, venho observando nos breves momentos em que desvio o centro de minha atenção de sua figura negra e calva, que há dentro desta megalópole um microcosmos de fezes, baratas, ratos e lixo de toda espécie. Mas logo me refugio atrás de meu intenso pavor, tornando-me incapaz de ver qualquer coisa relevante sobre o chão desta cidade feia, chão no qual as boas sementes já não brotam mais.

Não consigo mais girar meu pescoço para trás: ficaria sujeito a vislumbrar sua sombra. Eu nunca a vi. Nunca me defrontei com seu enorme contorno sobre o solo sempre cinza desta cidade.

Algumas questões-chave seguem recorrentes pra mim. Os condores já vivem em São Paulo há décadas, só para me aterrorizar. Apesar disso, nunca me foi permitido entrever sequer uma sombra sua. Nem mesmo deste meu condor, o maior e mais belo, que amanhece sempre do lado de fora de minha janela, e cujo papel é seguir-me incessantemente. Pois nem mesmo *mi condor* tem permissão para me deixar visualizar, rapidamente, seu contorno projetado sobre o solo. Parei de virar o pescoço para os lados, logo que tomei ciência de que *mi condor* desperdiça enormes quantidades de energia, colossais como é, apenas para manter-me distante de sua projeção sobre o asfalto. Uma vez que não olho mais para nada, mantendo sempre fixo este único momento angular pra baixo, e sem mover os olhos de maneira alguma, sinto-me seguro de que pode assim economizar ao máximo seu bater de asas.

Prosseguirei a viver em Sampa. Não seria capaz de deixar esta infernal megalópole, enquanto os condores nela permanecem só por minha causa. Tampouco viajo ou viajarei: isso traria sérios transtornos para *mi condor,* cuja família habita o topo de meu edifício, e come da carniça que  captura durante seus vôos acima de meu corpo.

Algumas pessoas, a quem segredei por carta meu medo terrível, mas não minhas certezas, aconselharam-me a consultar um médico. Não, não creio que *mi condor* esteja doente, nem pelo desgaste físico, nem pela frustração crônica diante das explicações sempre insuficientes que lhe dou, em sonhos, sobre meu verdadeiro medo.

Não*, mi condorcito*, não temo tuas garras fantásticas a me levantar o corpo do chão, tão fácil sou de se pegar e levar daqui, tão magro é meu ser.  Não temo, nem um pouquito sequer, que tuas asas potentes me tirem para sempre daqui, para levar-me até teus altos picos andinos, revoando pelo céu azul de nossa América. Menos ainda temeria se me colocasses em teu ninho, e me desses a comer do que tu diariamente caças, a cuidar de mim como *a un condorcito, tu hijo,* Depositarias, então, em mim a confiança de vir a tornar-me idêntico a ti, um navegante dos céus da cordilheira onde viveríamos juntos.

A nada disso se deve meu pavor. Causar-me-ia, sim, um horror mortal, a simples visão de seu voo palpável, concreto, bruto, e exuberante sobre mim. Eu estaria morto por teus olhos penetrantes, lançando em meu rosto pálido umas poucas verdades, como que não sou capaz de voar, e que estou irremediavelmente atado a este enorme labirinto de pedra.  Labirinto de pilhas amorfas de concreto, misturadas caoticamente com vidro, plástico e asfalto, certamente construído apenas para tornar vazia minha existência. E erguido sem nenhum tipo de ordem, ou de planejamento, sobre este planalto baixo pra ti, fácil demais para o teu faro e tua visão tão certeiros, numa terra que podes alcançar em poucos dias de voo.

*“Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso.”*

*-- Caetano Veloso. Sampa*

# Parte III: O Amor, Suas Cores, Suas Realidades

# 

# 

## **Era Uma Vez Um Menino**

*“A vida, como um  comentário de outra coisa que não alcançamos, e que está aí, ao alcance do salto que não damos.*

*A vida, um ballet sobre um tema histórico, uma história sobre um fato vivido, um fato vivido sobre um fato real.*

*A vida, fotografia do número, possessão nas trevas (mulher, monstro?), a vida, alcoviteira da morte, esplêndido baralho, tarô de regras esquecidas que umas mãos artríticas rebaixam a um triste jogo de paciência.”*

--Julio Cortázar, em O Jogo da Amarelinha (Rayuela), capítulo 104

Por mais que recue em minhas lembranças, não sou capaz de recordar um único momento em que seu nível estivesse sequer um ponto acima, ou abaixo, da horizontal média de minhas rótulas. Essa percepção me ocorre quando, por breves momentos, me detenho imóvel, e deixo de gerar pequenas ondulações, neste oceano sem fim.

Vem a minha mente, em seguida, que é bem certo que fui de estatura  menor antes. De tais memórias deduzo como uma verdade inquestionável: o nível da água foi subindo em total sincronia com meu crescimento. Se não tivesse sido assim, e por longo tempo, o mar não teria permanecido a tocar-me exatamente até os joelhos.

Nada, porém, me dá certeza de que não recomeçarei a crescer a qualquer instante. Sigo, pois, a nutrir esperanças de que uma existência diversa seja possível. Pois se meu crescimento subitamente estancou -- o que coincidiu com a explosão de meu desejo por outros seres, outros corpos -- ficou demonstrado que alguma mudança é, de fato, evento possível. Quem sabe venha a libertar-me as pernas destas águas gélidas, perpetuamente imóveis. Atrevo-me a efetivamente tomar o conteúdo desse pensamento desejante por verossímil.

Desde os tempos de criança, incomoda-me muito que o mar rodeie meu corpo sempre até uma mesma linha. Por isso, logo me pus a tecer fantasias -- nesta jornada sem fim – acerca da existência de outras profundidades, e que fossem ao menos um pouco menos gélidas.

Entretanto, como nada nesta minha vida concreta se altera, o único objeto a mover-se nos limites deste horizonte sendo meu corpo, aquelas fantasias, a despeito de tanto repetir-se, mostram-se sempre vagas e ilusórias.

São, porém, insistentes, e parecem evoluir em estrutura lógica:

‘Algum dia serei capaz de libertar-me deste oceano tão entediante! Talvez possa mesmo alcançar algum terreno sólido, sem nenhuma cobertura líquida’.

Até que me decidi a não mais repelir, e mesmo incentivar tais pensamentos, quando notei pelos surgindo em meu peito, em meu rosto, por todo meu corpo. Se me transformei tanto fisicamente, já não há como questionar a possibilidade de eventos novos e inesperados.

Muitos anos, porém, passam-se, e afora meus ímpetos periódicos de desejo, nada muda sequer nas cores deste horizonte monótono, composto por esferas azuis.

Sob os meus pés, jamais senti algo que não esta areia gelada e muito compacta. Dura o suficiente para que eu evite movê-la com meus artelhos. Conseguiria apenas dilacerá-los, ainda que se trate tão somente de  areia, não de rochas. Meus pés permanecem sempre muito frágeis e excessivamente sensíveis à dor, por tão enregelados.

Excito-me, agora outra vez, diante de nova dança de minha imaginação, que conduz à idéia de que transformações são, sim, eventos possíveis em minha vida: não só em meu corpo, mas também sobre estas águas e -- por que não? --- nesse horizonte que parece inalcançável.

Tenho olhos azuis. Azul é o céu por sobre este tão raso oceano, que tem essa mesma cor. Pouco vejo das partes de meu corpo, mas sei que minha língua é vermelha. Por caminhar sempre a passos largos, no entanto, tão amplos quanto seja capaz, não posso ver, sem um bom esforço, o vermelho e o rosa de meus órgãos. Não posso permitir-me o atraso que seria resultante de uma inspeção atenta. Sinto-me, pois, um prisioneiro dessa única cor, ou de uns poucos de seus tons.

Como pôde surgir-me a ideia de prisão? Justo a mim, que com dificuldade chego a ter certeza da existência de minha pele, ou deste chão duro, deste nível tão bem marcado de líquido até metade das rótulas, desse céu sempre no mesmo tom azul, sem nuvens, sem qualquer astro? Ininterruptamente vejo a luz do dia, apesar de não haver sol algum.

Faz todo sentido minha questão: de onde me vem esta idéia de liberdade? Apesar disso, de ter uma origem mal esclarecida, não fundamentada, eu sempre a quis. Em nenhum momento deixei de dar passos bem compridos, estirando muito as pernas, e esta lembrança retrocede a tempos em que sequer eu era consciente de ser tão só.

É patente que fantasio mais e mais com o passar do tempo. Chego mesmo a crer que se conseguisse recuar mais em minhas memórias, por certo encontraria outro ser muito semelhante a mim. Prontamente me censuro: não devo sonhar! É preciso caminhar a passos amplos, muito amplos... Hei de conhecer a concretude de alguém, apertar contra o meu outro corpo humano! Hei de chegar a águas não tão frias! Hei de poder ao menos nadar, ou até visualizar alguma ilha no horizonte...

As fantasias desejantes sempre retornam, e a cada uma de suas  impetuosas exclamações correspondem nuances de minha excitação de macho, o que culmina às vezes, não só num vislumbre do encontro com uma fêmea, mas também em devaneios com meus outros seres imaginários, como Estrelas, Noite, Sol, Lua, Ilhas, Terra, Árvores, Joelhos-Livres, Pés-Quentes.

Tenho vivido de meus seres imaginários, e já não me importa que retardem um pouco meu passo.

Sempre cesso minha caminhada ao ejacular, parado por uns momentos. Sinto, então, um sono leve, mas, sem saber por que, não durmo. A visão de fluido tão branco e espesso, a sair-me das entranhas, basta para que seja impelido a dar os desesperados passos. Sendo sua cor nova aos meus olhos, não sendo só mais um tom de azul, outras mudanças hão de vir!

Minha imagem refletida me mostra que sou belo e cheio de energia. Isso, no entanto, ao invés de bastar-me, só serve para incendiar meus desejos e fantasias. Ficaria feliz se mergulhasse a viver com meus seres fictícios. Todavia, só posso encontrá-los em sonhos. Nada muda no concreto desta vida, neste oceano nem neste céu.

Estou certo de ter nascido dentre eles, e de que, naquele começo de vida, tive algum tipo de contato  com outros seres tão humanos quanto eu.

Ora, ora, já lhes dei mesmo um nome e um adjetivo qualificativo. Somos ‘seres humanos’! Nós, isto é, eu e meus seres fictícios.

Onde estarão? Quanto levarei para reencontrá-los? Terão também este nível de água até os joelhos?

Não! Há homens e mulheres, bem como terra firme, ilhas, continentes, Sol, Lua, estrelas, noite, meio-dia, pôr-do-sol.

A cada novo mergulho neste universo de ilusões, que se avolumam, sou inteiramente possuído por meus devaneios, e a eles me entrego por completo.

Até o momento de novo jato de branco a sair de meu corpo, numa explosão de prazer intensíssimo, seguido por gritos e gemidos.

Tudo agora denuncia que cada vez mais preciso de um mundo de devaneios, com meus encantadores seres imaginários, a fim de realizar infindáveis desejos. Só assim me faço capaz de ver e de rever o jato de  cor branca, para, em seguida, logo retomar a marcha rápida e ampla.

Esqueço, então, da restrição severa sobre minhas fantasias, e logo estão de volta meus tão desejados seres fictícios. Embora eu tenha pálpebras normais, nunca as cerrei mais do que como nas piscadas rápidas que só umedecem os olhos, sem que sequer se percebam.

Sei algo sobre minha origem, me ocorre agora. Nasci em terra firme, e me  perdi enquanto minha mãe se entregava, cheia de desejo, a um homem muito semelhante a mim. É fácil entender como um menino pequeno pode desencontrar-se de sua mãe, e depois vir a deparar-se com um oceano muito raso, por onde o Sol e a Lua jamais passam.

Surgem-me ainda mais seres fictícios. Povoa-se minha vida mais e mais de sua presença, transbordante de paixão.

Apaixonadamente esqueço, pois, toda autocensura, e assim se multiplicam tons multicoloridos, pessoas, encontros, namoros, amantes, crianças, alegrias.

Há pouco imaginei todos nós a viver numa gigantesca esfera, muito maior do que todo este horizonte monotonamente azul. Em tal mundo, existem, sim, oceanos, mas vivemos longe deles. Homens e Mulheres, habitamos terreno seco, pleno das cores marrom e verde. Por nos amarmos incessantemente, estamos constantemente gerando meninos e meninas. De repente, o jato branco sai de dentro do meu corpo, outra deliciosa vez. Tenho que voltar a dar os tais passos largos.

Ora bolas, a passos largos, para quê?! Se jamais chegarei com eles a parte alguma?! Em meus sonhos, sim, alcanço algo. Posso chegar a lugares desconhecidos, esquecer-me, pelo menos por um tempo, da linha média de minhas rótulas. Deste nível absurdo, desprovido de qualquer sentido, que tortura e fere, profundamente, toda minha existência.

Mergulho mais uma vez a ser alguém dentre muitos, a viver entre  amigos, a apaixonar-me por mulheres lindas. Tento fazer desta a minha real e concreta existência. Frustro-me, porém, a cada breve pausa em que sou forçado novamente a caminhar com a máxima rapidez. Sim, porque mesmo neste mundo azul ainda tenho algum tipo de esperança.

Vivo numa grande comunidade. Cercam-me amantes e filhos. Tento buscar os sentidos para a intrigante vida humana. Explica-se, portanto, todo meu interesse por filosofia, literatura, psicologia, (loucura, delírios, sonhos, realidades). Assim como por ‘filosofia natural’, que hoje se insiste em chamar de "ciências".

Para meus filhos conto histórias e histórias todas as noites, alegremente. Eles nunca nada saberão sobre o oceano raso e sem ondas, cujas águas eternamente me tocam apenas até os joelhos. Não, eles nunca vão ouvir nada a esse respeito.

A cada noite, que tão certeira vem, adormeço e meus sonhos criam enredos dentro do mundo humano. Jamais o confundo com aquele da infinita monotonia.

Em meio a este último êxtase, fiquei definitivamente submerso no  tipo "real" de mundo. Mas às vezes ainda me pego tentando caminhar apressado no mar gélido, mirando ao redor este círculo infinito, em busca de alguém ou de um única ilhota.

Amo os seres humanos todos, e neste mundo em que estamos -- onde certamente muitas coisas precisam melhorar, pois aqui a mudança é possível, e mesmo rotineira -- todos somos transitórios. Poderemos morrer, porque o futuro prosseguirá com nossos filhos.

Quanto ao nível de água que perpetuamente arranha meus joelhos, não me importa se serei capaz de esquecê-lo. Estou, no entanto, condenado a nunca deixar de lembrar que estou em pé: tenho medo só de pensar que uma queda poderia pôr-me fora deste universo humano em que, finalmente, tive sucesso em permanecer, agora até ininterruptamente.

Há momentos, junto a mulheres e crianças, em que me sinto propenso a escrever. Não sei ao certo o que me gera essa inspiração, tampouco o forte impulso para contar histórias a gente de todo tipo.

Seria uma maneira de tentar permanecer fixo neste tipo de realidade para sempre? Um modo de tornar-me absolutamente certo de que não deixarei o convívio humano senão pela morte? Seria ainda movido pelo pavor fatal de sentir de novo esta água tão fria até os joelhos?

Desde meu mergulho definitivo a viver no mundo humano, tenho que permanecer  ereto, inflexível e imóvel, sem sequer um átimo de desatenção.

Talvez ainda tenha um medo despropositado de desmaiar -- pela perda de tônus muscular  -- e, então, livre por milagre de um afogamento gelado, confrontar-me mais uma vez com o infinito do entediante oceano.

**Teus Olhos**

*"Meus passos nesta rua*

*Ressoam*

*Em outra rua*

*Onde*

*Ouço meus passos*

*Passar por esta rua*

*Onde*

*Só é real a neblina. "*

Octavio Paz*(tradução livre)*

*"Podemos dizer que o único que efetua uma mudança aqui neste meio é Agilulfo; não digo seu cavalo, não digo sua armadura, mas aquele algo de solitário, de preocupado, de ansioso, que segue viajando a cavalo dentro da armadura. A seu redor as pinhas caem do galho, os fios d’água escorrem por entre as pedras, os peixes nadam nas ribeiras, as lagartas roem as folhas, as tartarugas saem em marcha com seu duro ventre sobre o solo; mas é tudo apenas uma ilusão de movimento, um perpétuo vai-e-vem, como a água das ondas. E nessa onda se remexe  Gurdulù, um prisioneiro do tapete das coisas, ele também revestido da mesma* *pasta com as pinhas, os peixes, as lagartas, as pedras, as folhas, mera excrescência da crosta do mundo".*

                             Italo Calvino, em O Cavaleiro Inexistente, tradução idem.

*[*Nesse trecho de Calvino, Agilulfo é o ‘cavaleiro inexistente’, protagonista principal, do qual se pode afirmar que *‘efetivamente é*’; não obstante o fato inequívoco de‘não existir’ como ente concreto, corpóreo. Em total oposição está seu escudeiro Gurdulu, *que ‘existe’ como um corpo físico*, *mas a respeito de quem impõe-se dizer que* ‘não é’, ou seja, não lhe corresponde qualquer ser!

*Agilulfo ’é, mas não existe’.*

*Gurdulu ‘existe, mas não é’.]*

Quando aquele teu olhar me fugiu de qualquer presente possível, quando te foste para teu outro modo de ser, que se mostrou inacessível pra mim, mirei num único relance a meu redor, e, de imediato, dei início a minha reconstrução do próprio mundo. Meu ímpeto veio daqueles versinhos, escritos em alemão, que havia feito para ti:

*Wenn du ein Traum bist,  
wie arm die Realität!*

*[‘Se tu és um sonho,*

*Quão pobre a realidade!’]*

Quão pobre a realidade em que tu já não podias estar.

Brotou em mim logo a certeza de que teus olhos, presentes eternamente naquele nosso encontro numa tarde de primavera, retinham o poder de fazer-me um transformador rebelado da própria realidade. Era *“o mundo à revelia”,* como disse certo personagem de *“Grande Sertão Veredas”, de Guimarães Rosa*. Sim, passei a revisar tudo isso a que os seres humanos chamam de *real.* Que palavra maçante e ingênua! Começando pela ordem do tempo, rapidamente pus fim ao fluxo incessante num único e monótono sentido. Quão tolos os  seres humanos e suas amarras auto-impostas, resultado de sua crença de que a vida flui, irreversivelmente, rumo ao futuro e contra o passado! Quão pesados os grilhões desse autoflagelo!

Tornou-se a mim acessível, como que à palma de minha mão, aquele teu olhar de certo entardecer de primavera: poderíamos revivê-lo a qualquer momento, a um simples desejo. Não quis, porém, fazê-lo de imediato. Estive certo, desde que teve início minha rebelião libertária e atemporal, de que caso cruzasse com aquela cena, com teus encantadores olhos a fitar-me, jamais a deixaria para tornar a viajar anarquicamente pelos tempos. Mantive-me, pois, longe daquela cena mágica, ocorrida no jardim interno de nossa faculdade como alguém que cuida de sua mais preciosa jóia.

Passei a vagar a teu redor, em torno de teus olhos a fitar o meus, como alguém que está visualizando dois pequenos focos divinos, intocáveis​​. Tais jóias com seu brilho, porém, permaneciam sempre acessíveis a meus desejos através de uma simples decisão de meu ser insurgente.

A brincar como um menino travesso, revirei o espaço-tempo à procura de cada um desses momentos de outrora, em que nós tínhamos estado lado a lado. Toquei teus macios cabelos dourados. Extasiei-me diante de cada instante do passado em que te vira, e todos os pequenos detalhes de cena foram, então, repetidos lentamente. Mudei o curso de certos eventos, multiplicando assim nossos encontros. Um acaso sinuoso e estranho tinha, tantas vezes, nos distanciado naqueles anos de faculdade.

Penetrei teus sonhos como tu tantas vezes fizeras com os meus próprios. Todavia, não me apresentei como simples figura que encena um papel dentro de um enredo. Em vez disso, comecei a orientar a trama de teus sonhos.

Sonhaste, Laura, que estavas face a face contigo mesma bem no centro daquele jardim interno de nossa faculdade. Exatamente ali onde, num pôr-do-sol de primavera o teu olhar me feriu tão profundamente, fazendo de teus olhos os onipotentes condutores de tudo em minha vida. Laura encontrou Laura.

Tu não pudeste saber de que fase de tua vida essas imagens procediam. Estavas em frente de ti mesmo, duas que tu parecias ser.

Imediatamente concordaste comigo quando falei sobre a beleza, o encanto e a magia de teus olhos. Mas não, como o artífice dos teus sonhos, eu não iria deixar-te sentir sequer uma gota de compaixão por mim. Porque toca a mim o papel de eternamente apaixonado! E repudio qualquer tipo de paixão que me venha com prefixos! Simplesmente porque não sou o cara que te perdeu. Muito pelo contrário, começaste a ser só minha exatamente no dia em que, perante um certo tipo de realidade -- que eu já erradiquei de qualquer mundo possível -- tu me abandonaste.

azul de teus próprios olhos.

Na noite seguinte, foste capaz de falar contigo. Ambas sentadas frente a frente: a que tu és, dentro do mundo banal e medíocre dos homens comuns, defronte a tua alter-Laura, essa mesma que poderia ter existido no fluxo corriqueiro do tempo, mas que se refugiou em meu mundo. Neste mundo em que vivo de reconstruir tudo.

Tu começaste a falar com minha Laura, e em breve sabias que ela não se casou com aquele a quem cabe, neste mundo de máscaras sociais, a de tê-lo feito.

"Não, recusei-o depois de ler algumas cartas de um cara que estava desesperadamente apaixonado por mim."

Tendo de tais cartas certa lembrança, ainda que imprecisa, pediste a alter-Laura mais detalhes sobre essa ruptura:

"Ficaste com Enrico, o que escrevia aqueles versos, e que manifestava um amor tão juvenil e impulsivo, que até te fez pensar que pudesse de repente irromper na sinagoga durante a cerimônia?"

Não tiveste resposta. Tua alter-ego, a minha Laura, não poderia dizer-te excessivas verdades num único sonho.

Acordaste com a mente confusa, pois agora sabias que minha Laura, com que vinhas te encontrando em sonhos, já não poderia ser tão idêntica a ti. “Como pôde deixar-se ela arrebatar tão intensamente, a ponto de romper o noivado, a sete dias do casamento, guiada por versos e fantasias de um menino visionário, com olhar de lobo, além de ímpetos tresloucados de paixão? Versos, ora versos!''. Perguntaste a teus botões.

Decidiste ir à casa de teus pais, e revirar papéis, onde poderias talvez reler as cartas com os tais poemas.

Guiavas teu carro, quando em meio ao caos sombrio dos infindáveis engarrafamentos dantescos da megalópole, ouviste como forte alucinação:

*Mein kleines, hübsches Mädchen,*

*meine kleine, hübsche Frau;*

*die ich haben will,*

*die ich haben werde!*

*[Minha pequena menina bonita,*

*minha linda, pequena mulher;*

*que quero ter ,*

*que vou ter!]*

Ainda que ditos em alemão, os compreendeste de imediato, pois apaixonados não precisaram expressar-se numa mesma língua:

*‘Que quero ter, que vou ter!’*

Os tais papéis dos tempos de faculdade estavam numa gaveta de teu quarto, em que dormias desde menina.

Brinquei ainda mais contigo, e fiz com que lesses frases nas cartas, que nunca tinham sido de fato escritas. Por exemplo, esta em tom ameaçador:

*‘Se tu me abandonares para sempre os seres humanos esquecerão o significado de ‘sempre’, e até o fluir do tempo deixará de ser percebido.’*

Em ainda mais um sonho, minha Laura te fez saber de certos poderes enigmáticos meus. Disse que consigo reverter o fluxo do tempo e, juntos, havíamos revivido tantas vezes o melhor de nossas vidas naqueles anos de faculdade. Dentro do campus de nossa Faculdade de Medicina, ou pelas ruas de Sampa de madrugada. Alter-Laura revelou-te ainda, que dessa forma, eu tinha te feito realmente ver quão intenso é meu amor por ti. Neste ponto, tu pediste, num ímpeto repentino, para trazer-me de volta a ti em um desses sonhos narcisistas. Tu, também, querias poder reviver o passado.

Imediatamente, apareci em meio a essas mesmas imagens de sonho.

Peguei tuas mãos e juntos refizemos toda a cena:

Leio um jornal, ou finjo fazê-lo, num banco do jardim interno de nossa FMUSP, quando te vejo surgir caminhando a alguns metros, rumo ao estacionamento.

É primavera, tu vens a passos lentos. Quando estás bem defronte a mim, eu coloco de lado o jornal.

Olhamos um para o outro, meus olhos encontram os teus.

Teus olhos encontram os meus.

Tu me desferes o mesmo brilho-de-olhos dilacerante, exatamente o mesmo. Nós, que tudo encenamos, somos idênticos ao que éramos então.

A magia de teus olhos me penetra fisicamente. Sinto-a fluir pelo nervo óptico e alojar-se na região mais íntima de minhas emoções e sensações, num pedaço de mim que me transcende, para além de minha consciência.

Tu sabias que o encantamento, a magia que me lançavas ali iria revolucionar toda minha percepção do mundo e da vida. Há, desde então, entre as imagens que me chegam à retina e sua recepção pelo meu ‘Eu’ mais profundo, a mediação de teus olhos.

Tornei-me capaz, por via dessa percepção mediada por ti, de ver infinitas realidades, aí onde antes acreditava houvesse só uma. Capaz de fazer-te minha, e assim nunca mais deixar que saísses daquele jardim rumo ao estacionamento, enquanto eu, enfeitiçado por teus olhos, até mesmo sem saber quais eram os meus ou os teus, te perdi por entre os automóveis.

Continuo a visitar teus sonhos. Todavia, como já havia imaginado, não somos capazes de reencenar senão este último.

Pego tua mão, e montamos um quadro giottesco. Sim, encontrei nos afrescos de Giotto tantos olhares idênticos aos teus, e pintados há uns setecentos anos. Em seguida, repetimos nossa mise-en-scène: tua caminhada lenta, nosso face a face, teus olhos tomando conta de mim por inteiro.

Nós o sonharemos por todas as noites de nossas vidas, Laura, até o momento em que, depois, possamos nos reencontrar um diante do outro.

*Face a face.*

*Olhos nos olhos.*

*Unos que sempre fomos.*

*Eternamente*

## Um Arco-Íris para Teus Olhos

*“Nous sommes quelques-uns à cette époque à avoir voulu attenter aux choses, créer en nous des espaces à la vie, des espaces qui n'étaient pas et ne pas semblaient devoir trouver lugar dans l'espace*

 “*Somos uns poucos indivíduos deste tempo a ter feito uma tentativa contra as coisas, a querer criar em nós espaços para a vida, espaços que não havia, e que não pareciam dever achar lugar no espaço”.*

*.”*     *-- Antonin Artaud, tradução livre.*

**Lavagem Cerebral**

Fui militante extremista. Nunca, porém, me aceitaram por inteiro, e creio que jamais poderia tornar-me plenamente um deles. Saboreei da companheiragem, da doce ideia de um dia nos tornarmos poderosos o suficiente para destruir supostos inimigos comuns. Reunidos em um grupo clandestino, conseguíamos ser exatamente como seríamos se um dia tomássemos o poder.

Pouco ou nada nos frustrava saber de nossa insignificância política, ou da ignorância cabal e definitiva que as massas demonstravam face a nossa maneira de ver o mundo e a sociedade.

Quase toda nossa militância se restringia à busca de companheiros novos para o grupo, e, estes recém-chegados, a subjugar suas mentes a nossa visão de mundo, submetê-los ao crivo de nossos ideais. Alguns eram de fácil adestramento, outros nem tanto. Havia também rejeições sumárias, ao primeiro olhar ou à segunda palavra. Certos inimigos nos acusavam de usar táticas de ‘lavagem cerebral’, estou, porém, bem certo de que essa expressão é inadequada para descrever aquele processo de substituição de sentidos vãos.

Minha própria iniciação se dera em meio a uma muita ambigüidade, mas talvez fosse assim para todos nós, mesmo que, à menor suspeita de simulação, a repulsa fosse imediata. Penso que até o mais radical dentre os assassinos nunca tenha deixado de ser um exímio dissimulador de sua dúvida entre a entrega completa a nosso ideário e uma descrença  absoluta naquelas pasmaceiras verborreicas.

No entanto, eu dizia que vivíamos de saborear nossos encontros, nossos planos, nossos comentários de notícias, nossas amizades dentro do grupo. Tudo entremeado a expurgos sumários, eliminações, assassinatos de traidores. Alguém era morto sempre que nossos objetivos se vissem supostamente ameaçados por qualquer pseudo-camarada, ou até mesmo por um velho e grande amigo. Por vezes a ameaça se revelava, a posteriori, meramente imaginária. Não importava! Os ideais das Brigadas estavam acima do valor de nossas vidas!

Nunca fui pontual a reuniões, como a nada em minha vida. Todos os brigadistas, todavia, me compreendiam ao menos até certo ponto. Eles mesmos também não eram pontuais. Uma reunião marcada para um certo bar do centro, às sete da noite, era logo tomada por todos como  não tendo início antes de 20:30 horas. Durante esses 90 minutos, podia-se andar sozinho pelas ruas, à procura de si mesmo. Só muito poucos talvez pudessem encontrar algo lá dentro, porque nós sempre nos reuníamos todos.

Eu, porém, chegava  com atraso ainda maior do que outros. A conclusão saltava aos olhos de todos: minha busca egoísta era a mais persistente. Argumentava:

"Lutei duro contra o meu ego, amigos, por um longo tempo. Portanto, por que estou aqui, trouxe muita força. Derrotei as mais temíveis forças ideológicas de nossos inimigos".

Era orador potente, discursava de modo exuberante acerca de nossos pontos de vista, de nosso modo de viver, do futuro que nossos próprios olhos veriam como então o maquinávamos. Acerca de todos esses temas que, quando em solidão, vomitava enojado.

Astuto, encenei papel falso com toda eloqüência por muitos anos. Alimentei e propaguei todo aquele imbroglio de ideias bizarras em que nos nutríamos, por meio da grande e refinada mentira que era a minha dissimulação, minha estupenda performance. Por outro lado, era bem patente -- pelo menos para mim -- que certo grau de representação era compartilhado por todos. Outros, não sendo capazes de atuar tão bem, não ousavam tanto em artifícios retóricos. De tal vantagem vieram meu brilho e o poder dele decorrente.

Sempre tomei muito café antes de nos reunirmos, pois me deixava mais alerta. Sempre trouxe comigo uma mau relógio, bem como potentes anti-eméticos. Estas drogas eram absolutamente proibidas em nosso grupo. Quem os ingerisse tinha de ser sumariamente excluído, se um novo membro do grupo, ou simplesmente assassinado se veterano.

Esta regra era necessária como um complemento da outra que, com rigor absoluto, proibia o vômito de ideais estúpidos ou absurdos prolixos. Assim, um pecado maior certamente só poderia ser tomar medicamentos contra náuseas.

Pergunto-me quem poderia ter permanecido vivo naqueles anos se o abuso secreto dessas drogas não fosse generalizado? Transgredir essa norma tinha que fazer parte do próprio ritual de nosso reconhecimento mútuo, enquanto membros do grupo. Jamais poderíamos tornar público, mas cada um de nós, para sobreviver, tomava diariamente, doses maciças de metoclopramida.

Conheço de cor seu nome farmacológico, um medicamento muito eficiente para inibir o reflexo de vômito, e que atua no Sistema Nervoso Central. Os médicos me disseram que eu não poderia esquecê-lo, nem tampouco seus vários nomes comerciais. Numa manhã de inverno, tive uma reação anafilática grave, depois de tomar as sete cápsulas iniciais logo ao acordar, como de costume. A alergia tinha sido quase fatal, e eu nunca mais poderia ingerir sequer uma única, ínfima gota de metoclopramida. Se o fizesse, poderia ter morte quase imediata, fulminante.

Não me desesperei com essa situação, mas, evidentemente, minha carreira no grupo estava encerrada. Então, assassinei impiedosamente nossa visão de mundo, nossa ideologia, com um golpe rápido e certeiro.

Se algum dia eu voltasse a ter contato com brigadistas, teria vômitos incoercíveis, seria morto.

Naquela mesma tarde em que saí do Hospital das Clínicas, peguei este trem que partiu de São Paulo um pouco antes do crepúsculo.

Aos se reunir e darem por minha falta, muitas horas além dos atrasos habituais, os brigadistas declararam a extinção de todo o grupo. Nunca mais retornariam à atividade.

Minha anafilaxia teria, pois, provocado o aniquilamento de todo aquele passado de memórias verborrágicas e absurdas. Soube de sua dissolução alguns dias mais tarde, por uma manchete de jornal numa velha estação de um lugarejo bem distante já de Sampa, SP. Enormes letras anunciavam: **BRIGADAS AZUIS SE DISPERSAM**.

Havia algumas confissões: sem mim, sem a minha ‘saborosa eloqüência’, eles já não seriam mais capazes de cometer qualquer ação terrorista, tampouco de tomar drogas contra náuseas. O jornalista terminava seu artigo expressando dúvidas sobre se um grupo tão perigoso e violento poderia realmente ser dito extinto de forma tão abrupta. Tive, no entanto, a imediata certeza de que era fato verídico. Nenhum dos azuis teria admitido, nem mesmo a si próprio, o uso secreto daquelas drogas, se tudo já não estivesse definitivamente terminado.

**II. Partida da Estação da Luz**

Mesmo antes da partida na estação aproximei-me da locomotiva. Entre Luz e Barra Funda, convenci o maquinista a dar-me a direção do trem. Expulsei-o do poder de conduzir-nos próximo à estação Lapa. Eu era o único dono deste motor, mesmo antes de atravessaram o rio Tietê. Não fiz nenhuma parada em Pirituba, porque o ex-maquinista me alertou para uma possível vistoria ali. Éramos, a essa altura, como velhos e grandes amigos.

Os paulistanos lhe dão pouca atenção, mas sempre admirei o Pico do Jaraguá por a sua solidão e beleza. Um vulcão extinto, como é fácil de se ver em seus contornos, sem montanhas próximas a lhe fazer companhia, um dia soterrará toda São Paulo em uma única e gigantesca erupção pliniana.

Por ter afeto especial por essa montanha, engatei a marcha mais lenta neste trecho em que a ferrovia passa tão perto de sua base. Pelo alto-falante, convidei todos os meus companheiros a dirigir sua atenção para o enorme pico do, e falei-lhes da ameaça gritante que representa para São Paulo.

Ouvi gritos de espanto, de medo, gargalhadas, choro feminino. Em meio a esse burburinho, tive a ideia de conclamar todos a visitar meu cubículo. Havia seis vagões.

Emigrantes, as pessoas do primeiro grupo eram cinqüenta casais sem filhos, que abandonavam São Paulo para sempre. No rosto de algumas mulheres, eu vi um olhar triste -- talvez porque tenham sido obrigadas a partir às pressa-- que contrastava nitidamente com a alegria sem par de seus maridos.

Foi com surpresa que soube que em cada um dos outros vagões, havia também cinco dezenas de casais. Eu tinha assumido o comando de um comboio especialíssimo. Daí a reverência incomum a mim dirigida, daí todo um aparato estranho para selar hermeticamente portas e janelas. Eram casais pertencentes às classes mais privilegiadas de São Paulo, que há décadas não sabia o que fosse uma ferrovia, meio subestimado de transporte, relegado aos ‘despossuídos’ trabalhadores. As ferrovias vinham se extinguindo, com seus dormentes que pareciam  conduzir ao infinito nas imagens e sons de minha infância, distante e feliz.

Quando me soube respeitado e bem quisto pelos casais, meu amigo maquinista saltou para fora do trem. Suicidou-se ao arremessar seu corpo contra seus amados trilhos. Fui o único a presenciar seu ato. Azul que eu havia sido, o compreendi.

Joviais, alegres, de gosto refinadíssimo, meus trezentos casais tinham ainda a encantadora qualidade de serem todos lindos. Visivelmente selecionados como reprodutores da beleza, certamente suposta ameaçada, em algum refúgio distante, tão longínquo a ponto de parecer  inalcançável. Nada lhes perguntei. Seus olhares me davam a compreender que eu deveria estar muito bem informado sobre nossa viagem, destino e razões. Confiavam, pois, plenamente em minha capacidade de conduzi-los.

Terminada a apresentação do Vulcão Jaraguá, sádica e entusiasticamente celebrada pelos maridos, todos retomamos nossos lugares.

Pela primeira vez, lancei o olhar sobre o manual de instruções, o primeiro comando não estava sendo seguido. Todas as portas, janelas e quaisquer tipos de vãos tinham que ser fechados hermeticamente até que 'o grande perigo das nuvens’ tivesse passado.

Não sabia qual tipo de nuvens fosse, mas obedeci, acelerando o motor ao máximo. Não deveria ser feita nenhuma parada, em qualquer estação. Tínhamos que seguir em frente de forma ininterrupta até chegar a um ponto desconhecido no mapa, sem nome algum, a  490 milhas da Estação da Luz, nosso ponto de partida.

**III. Morte perto do Pico do Jaraguá**

Creio agora que tudo tenha algum tipo de nexo, talvez até mesmo claro, por trás de algum significado oculto ou esotérico. Porque, como já deixei explícito, nunca me dei inteiramente à causa do grupo, sendo um membro marginal e esquivo, o menos pontual entre eles.

Havia alguns médicos como membros das Brigadas Verdes, bem como farmacêuticos. Em algum encontro, a que demorei muito mais do que o aceitável (teria mesmo faltado?), minha utilização maciça de anti-eméticos se tornou pública. Eles decidiram me matar.

Algum dos médicos verdes teria entrado em contato com os farmacêuticos com quem eu costumava comprar os comprimidos. Decidiram que me venderiam qualquer veneno letal, sob o rótulo falso de metoclopramida. Tomei inúmeros desses comprimidos, como sempre fazia, logo ao despertar. Sim, eu costumava drogar-me ainda na cama. Eu me sentia fisicamente forçado a fazê-lo. Os primeiros pensamentos conscientes já bastavam para me relembrar bem depressa de toda a ideologia do grupo. Náuseas violentas me sobrevinham em seguida.

Em tempos passados, quando eu ainda era um novato verde, tive vômitos graves em público. Eu, pessoalmente, permiti que acontecessem. Saía da minha boca aos jorros toda aquela verborréia prolixa e sem sentido.

Nesses primeiros tempos talvez fôssemos mais brandos nas punições, menos agressivos e arrogantes. Apesar de violentos, contudo, nunca havíamos cometido qualquer assassinato. Daí se compreende esse fardo sobre minha consciência:

Para assumir o comando desta locomotiva, fui obrigado a matar o ex-maquinista, simulando um suicídio. Não havia nenhuma testemunha para levantar dúvidas quanto a isso, mas aquele homem forte e valente nunca teria lançado seu corpo sobre os trilhos, aqueles mesmos trilhos que tanto tinha amado ao longo de toda a vida.

Empurrei-o para fora do trem, por ter certeza de que chamaria a polícia, assim que parássemos numa cidade importante. Em Campinas, por exemplo. Eu o matei tendo em mente um dos mandamentos dos verdes: “*Se teu inimigo, que não ama o verde, põe em risco tua possibilidade de exercer o poder, mata-o. Mas, mata-o com um punhal, em nome das orquídeas e dos cuitelinhos. Mata-o, no entanto, de um modo verde, com um punhal verde''.*

Com certeza, *''verde punhal”* era apenas uma expressão simbólica. Assim interpretávamos essa passagem sagrada de nosso *Manual de Meditações, Preces e Preceitos.* Mas minha dúvida permanece: observei estritamente o mandamento? Ou seja, matei com um punhal verde? Se penso que não, me vem à mente aquele crânio partido sobre os trilhos com jatos de vermelho ainda a jorrar de sua aorta. Cor tão baixa pulsando. O trem a uma velocidade bem reduzida, o Pico do Jaraguá, imenso e verde, a julgar-me. Sua mata atlântica a observar aqueles jorros de uma cor tão repugnante quanto o sangue, líquido ainda a latejar, chamativo e dramático ao extremo.

Quando penso, de modo contrário, interpreto que tê-lo empurrado ali diante do Pico do Jaraguá e seus bosques verdes, equivale a tê-lo feito *"com um punhal verde*". Tendo sido escritos há muito tempo, os textos sagrados precisam de mais do que uma exegese alegórica. Somente uma associação livre de seus conteúdos, quase aleatória, pode redescobrir seu significado mais profundo.

Quando entrei em contato com meus passageiros pela primeira vez, caí em estranha perplexidade. Temos um destino, que me é desconhecido por completo. Julgo-me feio e desajeitado diante dos trezentos casais belos e sensuais que conduzo. Houve, entre eles, alguém que notou meu olhar embaraçado. Uma das mulheres pareceu reconhecer-me. Olhou nos meus olhos como se fôssemos cúmplices, o que me intrigou. Em segredo, deu-me um bilhete. Ao lê-lo pude compreender seu olhar.

Ela, também, era uma brigadista verde. Ordenava que seguisse rigorosamente as instruções do computador de bordo. Eu  deveria esperar por outra mensagem vinda dela, não importando quanto tempo pudesse demorar. Então, cerrei todas as portas e acelerei aquela locomotiva ao máximo. Tínhamos que chegar a um ponto do mapa que distava 800 milhas da Luz. Nesse local tão distante, algo novo iria surgir.

Obedecia, agora, não apenas às instruções do computador, mas também aos bilhetes de minha misteriosa companheira verde.

Fui assim capaz de entender por que o trem ainda não tinha sido assediado por quaisquer nuvens de beija-flores.

**IV. Rio Paraná Abaixo**

Não foi necessário matá-lo. Bastou que todas as decisões coubessem a mim para que o ex-maquinista cometesse suicídio sob as rodas. Não tinha mais razões para viver. Fatos e causa inquestionáveis. Acelerei o motor e despedi-me do sol que se punha por trás do enorme pico.

Fiquei bastante intrigado com aquele bilhete. Sendo ela realmente militante das Brigadas Amarelas, como podia viver em meio a essa elite tão fútil? E qual o sentido de acatarmos cegamente as instruções de bordo, que nos ordenavam agora vedar novamente todas as entradas de luz solar, mantendo assim escuro o interior de nosso expresso até chegar a um local tão distante?

Como poderiam coincidir os ideais de nossas Brigadas com os de um grupo tão estranho de machos e fêmeas? Talvez até mesmo meros e desprezíveis casais à moda antiga? Muito sensuais e sempre a olhar  nos meus olhos, como que a fazer um convite para orgias ali impossíveis? Bem, quem sabe não houvesse coincidência alguma, tudo sendo apenas jogo tático até chegar a esse ponto no mapa a 1.400 milhas da Luz.

Segui com todo rigor os comandos de bordo, mas não antes de avaliá-los de acordo com os ideais Amarelos. Felizmente, havia inúmeras caixas de metoclopramlda junto a material de primeiros socorros. Eu poderia continuar a tomar os comprimidos durante toda esta viagem deslumbrante. Como fui tolo quando acreditei nas palavras daqueles médicos! Haviam percebido que eu era um usuário pesado da droga, e decidiram me assustar. Disseram que eu poderia morrer, caso ingerisse a mais ínfima quantidade de metoclopramida, e mesmo se permitisse seu contato com meu sangue, por qualquer via, isso significaria cometer suicídio. Mas eu a tomei, e nada disso aconteceu. Devo ter sido enganado por um rótulo falso de metoclopramida, num atentado planejado por algum rival, invejoso de minha liderança.

Fiquei aliviado por saber que as Brigadas Amarelas ainda estavam em ação, de uma certa forma pelo menos. Poderia, assim, seguir tendo tantos motivos quanto conteúdos para vomitar, embora nunca o tenha feito. Meus ideais amarelos são a minha vida!

Ao amanhecer, estávamos nos aproximando da grande ponte sobre o Rio Paraná. Através do interfone desejei-lhes um bom dia. Disse, também, algumas palavras sobre minha expectativa de que tivessem tido uma boa noite, não obstante a ausência de camas confortáveis ​​a bordo. Terminei minha mensagem dizendo supor: ‘que todos os desejos eróticos houvessem sido sublimados, ou não? Impossível suportar?’

Não mais do que três homens riram da minha piada. O restante do texto me foi fornecido através do computador. Creio que o li com a entonação e as  nuances cabíveis, enriquecidas pelo ardente desejo que os casais estavam provocando em mim. Julguei, por um momento, que pudesse ter feito algum sucesso artístico. Lembrei-me, então, de minhas encenações retóricas, em que era capaz de ardentemente exaltar os Ideais amarelos, recebendo a aclamação de todo o grupo. Eu, eu mesmo, naqueles tempos a liderar. No púlpito, minha grande encenação. Sob o efeito de altas doses de drogas antieméticas.

Todo o trem permanecia ainda hermeticamente fechado. Luzes, só artificiais. Ninguém além de mim mesmo, a partir de meu cubículo, poderia ver os mais ínfimos raios de sol. Embora, na verdade, não fosse capaz de enxergar qualquer tipo de luz, de qualquer cor. Imensas, colossais nuvens de pássaros -- alguns pequeninos, outros vultuosos e pretos -- obscureciam completamente todo o horizonte visível. Para mim, foi quase impossível entrever então pequenas frestas, por entre as quais começavam a surgir alguns raios de sol muito tênues.

Inesperadamente recebi uma chamada telefônica da cabine 5-A, primeiro vagão. Uma mulher pedia para vir a meu cubículo, com urgência.

Entrou no meu recinto com os olhos concupiscentes, deixando-me quase ver seu lindo seio. Disse que tudo tinha acontecido como esperado e que havia sido muito fácil matá-lo. Ela agora poderia ser somente minha. Em breve seu corpo desapareceria de vista.

As circunstâncias me obrigavam a fingir que estava ciente de todos os detalhes daquela trama que se perpetrava. Fiquei perplexo quando me disse que seria só minha, mesmo porque eu não conseguiria deixar este pequeno cubículo, nem mesmo por um segundo, enquanto durasse toda esta viagem, nada importando quanto tempo ainda faltasse.

Não pude fazer-lhe qualquer tipo de pergunta, pois inevitavelmente revelaria ser um usurpador.

"Minha" mulher voltou para o seu lugar sem dizer mais nada.

Pouco antes de sair, deu-me um beijo ardente -- esfregando os seios no meu peito -- enquanto dizia as primeiras frases da oração sagrada de nosso grupo: ''Amarelos como sol e os ipês floridos".

Ao que eu respondi:

 ''Amarelos como o Ouro e o Pôr-do-Sol".

 Nuvens de pequenos pássaros ainda me impediam de desligar os faróis, potentísssimos. Dado que já não vislumbrava os enormes pássaros negros, mas apenas os pequeninos, passei a nutrir esperanças de que o sol viesse a reaparecer após a travessia do rio Paraná.

Trezentas mulheres revezaram-se em visitar-me nesse dia. Todas elas disseram-se membros das Brigadas Douradas. Não obstante parecer que nunca se comunicassem. Perante todas tive que fingir que conhecia por completo a suposta trama, bem como tudo o que ali estava em jogo. Todas me deixaram à vista seus mamilos deliciosos, esfregando-os no meu peito, enquanto me beijavam com ardor. Todas afirmaram que seriam só minhas, e depois voltaram para suas cabines.

Apesar de febrilmente desejoso por tantas mulheres, que me provocavam constantemente, não pude deixar de estarrecer-me com a imagem de três centenas de cadáveres de jovens fortes, musculosos e belos jogados no rio Paraná, um por um, através das mãos solitárias de suas lindíssimas esposas assassinas.

E todas elas seriam, daquele momento em diante, só minhas.

Senti-me sonolento. Sempre me sinto assim quando tomo um número exagerado de comprimidos de metoclopramida.

Nada poderia ser mais exuberantemente nobre, face a "O Grande Livro Sangrento de Revelações Vermelhas", que este poder que acabava de conquistar neste trem transcontinental tão estranho.

Mesmo assim, durante toda a minha vida de terrorista, jamais me passara pela cabeça -- nem mesmo nos confrontos mais agressivos pelo poder – exortar alguém a fazer nada de semelhante ao que minhas trezentas  companheiras do sexo feminino perpetraram com facilidade espantosa.

Um pouco sonolento por causa da droga, mas ainda enjoado, preparei um discurso inflamado para parabenizá-las pelo amor por nossa causa vermelha. No entanto, não pude proferi-lo, pois então ainda me parecia impossível que a mim tivesse sido atribuído, desde o início, um papel nesta trama tão meticulosa. Papel em que fosse o verdadeiro, ainda que inadvertido, protagonista.

**V. Cruzando o Altiplano Andino**

Metoclopramida. Choque anafilático. Fuga. O suicídio de um grande amigo.

Trezentos casais dos mais elegantes, sensuais e provocantes. O vulcão Jaraguá e a busca pelo destino inimaginável deste comboio. Nuvens gigantes de pássaros. Absoluta escuridão, luzes artificiais.

Beijos cheios de tesão, seios a se esfregar contra meu peito. Eu a queimar de desejo, mas sozinho e muito atarefado neste cubículo de locomotiva.

O massacre dos maridos: trezentos cadáveres correnteza abaixo do Rio Paraná.

O pleno poder ao alcance de minhas mãos, mas... Trezentas mulheres encantadoras e “só minhas”, a bordo, ainda que nunca pudesse possuí-las, transar com elas. Instruções do computador de bordo proibiam qualquer tipo de escapada, mesmo que por alguns segundos, fora do apertado cubículo.

Seria permitido parar os motores, pela primeira vez, apenas a 2800 milhas de distância da Luz, num ponto obscuro do Altiplano Andino, em meio terras frias e áridas.

A cada manhã, elas se revezavam em me visitar:

 ''Azuis como as águas do Titicaca. Azuis como o céu aberto''.

Ao que eu respondo:

' Azuis como teus olhos.’

Tudo poderia ser resolvido caso eu conseguisse contornar minha condição de impostor. Como dizer a verdade? Como esquecê-la para sempre?

O trajeto agora era bastante sinuoso, com muitos abismos, pois rumávamos ao topo do Altiplano. Baixas velocidades eram mandatórias. Computadores de bordo prosseguiam dando ordens, enviadas instantaneamente ou pré-programadas, não me era dado saber. Tampouco qual sua finalidade.

Haveríamos, sim, de conseguir um dia  chegar àquele  ponto enigmático sobre o mapa para o qual rumávamos. Lá seriam revelados para mim, talvez, os mistérios que cercavam toda esta variegada travessia.

As mulheres teriam de revelar o significado intangível de terem embarcado neste trem, em que se revelaram assassinas de seus maridos. Eu teria que contar-lhes minha história verdadeira, sem retoques.

De repente, já não havia quaisquer pássaros a cruzar o céu tão límpido e sem qualquer nuvem.

Em meio a essa bonança toda, quando menos se esperava, a tela do computador começou a prescrever consumo máximo de pílulas anti-eméticas, a níveis nunca antes alcançados. O radar meteorológico estava prevendo uma tempestade muito forte para dali a uns poucos minutos.

Havia, pois, urgência de avisar todos os passageiros, em caráter privado,  para a leitura obrigatória da instrução AZ-777-EM. EM, supus, poderia ser uma abreviação de êmesis, vômitos.

Em seguida, atravessávamos o árido planalto, quando um tipo muito singular, nunca visto de nuvem surgiu sobre todo o horizonte visível. Logo desabaria.

Tive tempo de abrir todas as portas, janelas, e qualquer tipo de frestas para que meus olhos, e os olhos de todas as minhas companheiras de cor e de terror, vissem.

Chove torrencialmente, e chove Azul.

Essa tela odiosa não mais pode anunciar supostos pontos de parada. Não mais precisamos de um ponto final nem de qualquer pausa em nossa trajetória. Basta-nos que a metoclopramida seja inesgotável, que a tempestade azul nunca tenha fim, que nunca deixemos o sono nos vencer para podermos ininterruptamente contemplar esse espetáculo estupendo.

Chove torrencialmente Azul. Infinitas Gotas Azuis a brilhar.

*"Azuis como as águas-marinhas"*

*"Azuis como o céu aberto das manhãs de primavera.''*

*"Azuis como o nada".*

# Parte IV:  A Última Coruja

# 

**Eros Encontra Thanatos**

Quando Rosa despertou, não estava mais ao lado dela. Eu tinha me transformado em figura de romance. Minha transformação em ser fictício foi sua ação mágica naquela noite, resultado daquele mesmo poder que tinha feito tantos machos humanos tornarem-se jacarés. Ela encontrou sob os lençóis da cama, meu livro *‘O Sobrevoo da Coruja de Minerva’*, em que tudo se mostra mais claro. Pôde, então, saber que tinha criado sua personagem em uma das minhas histórias e, encantado com sua imagem, havia decidido trazê-la a minha realidade quotidiana.

 Quanto a mim, agora mergulhado neste outro modo de ser, que tanto me atraiu ao ler os versos de Fernando Pessoa - epígrafe ao prólogo do livro - sonho e venço mundos.

Rosa, nome escolhido por ela mesma, e que o leitor não deve tomar por *meu sobrenome* *Rosa*, pôs-se a ler o mesmo livro em que mergulhei, e no qual permaneço. Logo teve notícias do que se passava em todo o mundo -- da Patagônia a Nova York, dos Andes ao Japão -- sabendo reconhecer nisso uma insurgência anti-humana em curso, desencadeada por alguma força desconhecida. Meu apartamento ficava no centro de São Paulo, esquina da Ipiranga com a São João, e logo ela se deparou com mulheres sob o êxtase do cuitelinho -- como na história da Professora Alice Blumen. Muitos homens estavam cometendo suicídio nas ruas depois de ver enormes nuvens desses pequenos pássaros a levar até mesmo jovens virgens à mais intensa luxúria. Por outro lado, os que não tinham coragem de se matar, simplesmente mergulhavam, cabisbaixos, a viver atentos apenas a seus próprios mundos interiores. Nada diziam, e a ninguém dirigiam o olhar. Nos noticiários, Rosa viu muitas cenas descritas em *‘Expulsando Noé*’: mulheres que punham ovos de pinguim, por toda a Patagônia, Nova York abandonada, esvaziada sob a ação de um estranho feitiço que fazia qualquer ser humano tornar-se búfalo feroz.

 Soube também do desaparecimento de inúmeros navios caçadores de baleias, como se em todos os oceanos tivessem aparecido, de um dia para o outro, centenas de novos triângulos das Bermudas. Além de tantas histórias -- ditas ou não por mim -- Rosa pôde entender sua própria transmutação em fêmea humana dotada de poderes mágicos e revolucionários: capaz de fazer répteis de machos humanos, capaz de fazer de mim “uma sombra num chão irreal, um sonho num transe.''

 Certa manhã decidiu ir ao encontro de Alice, de quem soubera, após muitas buscas, viver nas redondezas de Paranapiacaba, antiga vila ferroviária no topo da serra do Mar.

 Alice Blumen era reconhecida então como grande inspiradora e líder maior das mulheres do tempo. Sua ideologia de recusa da noção de bem comum, bem como sua ética do hedonismo radical e absoluto eram vistas como o exemplo a ser seguido. Apesar da incerteza quanto a seu paradeiro exato, uma vez que a “Professora do Cuitelinho” vivia embrenhada na densa Mata Atlântica da Serra do Mar, Rosa pôde acha-la sem dificuldade após meia hora de caminhada a partir da pequena estação de trem. ‘A Mulher de Corumbá’ pôde contar-lhe toda sua história, embora não tenha sido levada a sério pela professora de Medicina Preventiva, que em dado momento lhe perguntou:

 "Qual pensa que seja o motivo desse desinteresse dos cuitelinhos por você, Rosa, tão doce e sensual como é?"

Enamoraram-se, e de sua paixão resultou que, além de beija-flores, Alice Blumen agora dava à luz lagartos azuis, provavelmente antigos habitantes da Mata Atlântica.

"O que será, meiga e rebelde Alice, do gênero humano daqui a algum tempo? Assim que todos os machos estiverem mortos, seja por suicídio ou não, e só mulheres como você restarem na Terra? " – perguntou Rosa.

“Então, você insiste que não é humana?''

“Nada em minhas lembranças me faz crer que esta aparência humana possa ser mais do que uma máscara transitória, talvez outra das figuras de romance, dos sonhos e devaneios de Francisco Rosa".

Alice lhe respondeu: "Nada sei sobre o futuro, e na verdade já não tenho qualquer interesse por ele. Se esse livro que você traz diz a verdade, se há uma rebelião contra o domínio humano em curso por toda a Terra, é bem possível que estejamos, sim, muito perto do término de tudo. Sinto muito. Quando penso na história da humanidade, desde os seus primeiros momentos, chego a orgulhar-me por termos existido como espécie. Houve incontáveis guerras, miséria, e muito ódio, oh Rosa, doce e gentil amante, mas o gênero humano sempre foi um espetáculo maravilhoso para os deuses. Houve sempre um cantinho de paz e desejo para uma trama de amor, similar tantas vezes a essa que você diz ainda viver com o autor de seu livro”.

Rosa tomou o trem pra voltar a São Paulo em meio a densa neblina. Logo depois da partida, pôde ouvir o esmagamento de crânios sob os trilhos -- homens desesperados-- , bem como o ruflar dos colibris a saltar para fora do ventre de companheiras de vagão.Por esse tempo vigorava uma lei que proibia homens e mulheres de viajarem num mesmo vagão. Do total de seis carros, apenas o último, era reservado aos homens. Dessa forma, o suicídio ficava muito simples: bastaria ao interessado lançar-se através da porta terminal. Entre Paranapiacaba e Luz, Rosa ouviu gritos e blasfêmias masculinos contra Deus, deuses, existência, vida, mulheres e fêmeas. Ao desembarcar, notou que apenas um único homem, muito tenso e cabisbaixo, portando dois fones de ouvido, saía daquele último vagão. Havia sido o único a não ceder ao impulso de atirar-se sobre os trilhos com o comboio em movimento. Quis aproximar-se dele, e chegou a fazê-lo, mas o excêntrico viajante – por não girar sequer seus olhos, sempre com o olhar fixo para o chão – exigiria de Rosa fortes contorções cervicais, se quisesse chamar-lhe a atenção. Mas ele nem sequer de relance chegou a vê-la, e o tal homem estranho prosseguiu a caminhar pelas ruas cada vez mais desertas de São Paulo, sem saber da presença da mulher-jacaré. Os anos transcorriam, e em breve, já se podia antever, nenhum macho humano restaria vivo. Nuvens de pássaros já escureciam todo o horizonte, e nem mesmo o Pico do Jaraguá era mais visível dos altos edifícios do centro de Sampa como dantes. Rosa permanecia em meu apartamento, a ler e reler meu próprio romance onírico, a intrigar-se com a frase em que afirmo ter conseguido – como protagonista e espectador único – confundir-me com cenários, esta ou aquela personagem, ou mesmo com o próprio relato em si. Foi por isso levada a infindáveis tentativas de encontrar-me, aqui ou ali, perdido ou disperso em minhas próprias histórias. Teve certeza, porém, de que sou o Enrico de ‘Teus Olhos’, bem como o usurpador que sequestra o trem dos casais.

Percebeu que toda a trama narrada em ‘Teus Olhos’ nada tem de fictícia, e buscou ir ao encontro de Laura por um bom tempo, pois nutria a esperança de que soubesse algo mais sobre meu paradeiro. Todavia, como não pôde achar em meu apartamento nada que fosse vestígio de minha Laura – pois em seu nome só havia dados de identidade e residência física – Rosa nunca pôde estar face a face com ela. Ocorreu-lhe, pois, a única versão possível para a musa de ‘Teus Olhos’: transformara-se, no mesmo instante que eu, numa figura de romance.

Sobreveio, pois, o dia em que todos os homens que viviam em São Paulo haviam desaparecido. Restava apenas o andarilho excêntrico, cabisbaixo e de olhar fixo, o cara com fobia de condores.

Alguns anos mais tarde, e todas as mulheres estavam mortas também. Rosa teve notícia da morte de Alice através do olhar entristecido de uma lagartixa azul. Assim, a fêmea de Corumbá teve que continuar sozinha a vagar pelo enorme deserto de concreto, vidro, aço, ferro e asfalto. Uma pequena esperança de me encontrar ali ainda mantinha Rosa nesta gigantesca cidade fantasma, que em tempos antigos havia sido a Sampa de Caetano Veloso. Não havia mais nuvens de colibris, pois a última fêmea humana já estava morta. Apenas dois moradores muito peculiares estavam vivendo ali entre as ruínas. Estes eram Rosa e o andarilho.

A mulher de Corumbá decidiu drasticamente comunicar-se com ele a qualquer custo, mesmo que para isso tivesse que correr o risco de ter um forte torcicolo, ou mesmo se visse obrigada a rastejar pelo chão.

Não era tão difícil encontrá-lo, uma vez que morava num prédio na esquina de duas grandes avenidas centrais Todas as manhãs costumava sair para uma caminhada pelas mesmas e invariáveis ruas. ​​Depois de fazer um círculo de cerca de dez quilômetros de perímetro em torno da área central da cidade, sempre voltava para casa. O edifício, em que continuava vivendo já há tanto tempo, não tinha outras janelas, exceto a sua própria. Esta era mantida hermeticamente trancada durante todo o dia e à noite.

Após treinamento de agilidade e flexibilidade muscular de muitas semanas, Rosa, vestida adequadamente, ficou parada na esquina das avenidas Paulista e Consolação, à espera do homem que tinha horror a condores, alguns minutos antes do meio-dia. Nesta hora ele invariavelmente passava defronte àqueles outdoors, cartazes que depois de tanto tempo ainda anunciavam filmes, fósseis de outra era.

Ela imaginava que se depararia com um homem franzino e muito velho, impossível até imaginar o quanto enrugado e caquético, mas estava totalmente enganada! Um excelente andarilho, atlético e jovial. Rosa o viu chegando pela calçada, pois ele sempre andava rigorosamente sobre elas, como se ignorando o fato de que os automóveis abandonados, meros restos corroídos de placas de metal, nunca mais se moveriam, nem mesmo se houvesse alguém interessado em dirigi-los.

Passei à frente do Cine Belas Artes, onde em outros tempos ficava extasiado com os filmes de Fellini, Kurosawa, Lars von Trier, Jos Stelling, Wim Wenders, Ingmar Bergman, Pasolini, diretores e produtores de obras de arte magníficas.

Se pelo menos eu fosse capaz de extrair de meu horror diante dos condores algo tão lírico e profundamente poético quanto Herzog foi capaz de inspirar em nós através de seu tenebroso Nosferatu! Mas não, isso é impossível para mim. Por outro lado, não posso acreditar que os filmes de hoje mantenham o menor resquício da beleza alcançada naqueles tempos.

Sempre percorro estas mesmas avenidas, porque são bem amplas, poupando desse modo desperdícios desnecessários de energia a *mi condor*, como quando ele se vê obrigado a desviar e evitar  colisões com cartazes, letreiros, antenas. Também tenho que ser muito pontual, pois *'mi condor’* tem que alimentar seus filhotes ainda sob a luz do dia .

Mal pude compreender o que se passava no momento em que Rosa – após olhar-me diretamente nos olhos, depois de acrobacias -- tirou aquelas bolas pretas dos meus ouvidos e, chorando, lançou-se sobre meu corpo, a dizer que permanecia sendo toda minha, como quando eu a havia levado a despedir-se do pequeno ‘Hotel do Cuitelinho’ e de Corumbá.

Amei Rosa desde o devaneio em que a criei naquele relato sobre os exterminadores de jacarés, e que fazia parte de meu estratagema para driblar a insônia. Espantada ao ver-me tão jovem quanto no dia em que nos encontrarmos pela primeira vez, levou-me pela mão rumo à  a Avenida Doutor Arnaldo. Adentramos, em seguida, o jardim interno de nossa Faculdade de Medicina.

Era, ainda outra vez, primavera, mas desta vez as flores não eram douradas, como nos encontros com Laura. Eram centenas de rosas exuberantes, espalhadas por todo aquele jardim.

Meu amante sabia que ele não encontraria em mim o mesmo significado, a mesma magia que viu nos olhos de Laura. Além de meus olhos, tenho todo meu corpo vigorosamente a desejá-lo. Sua ereção, quando me viu nua, foi tão intensa quanto naquela noite de verão em que lhe contei meus segredos mais ocultos e lascivos. Em seguida, amamo-nos com a fúria que séculos de separação nos impunham. Após o gozo, adormeceu.

 Quando acordou, depois de um sono bem profundo, suas mãos eram já duas das mais belas orquídeas, que o fascinaram.

 Eufórico, ele me disse que conseguira atingir, enfim, o ponto culminante de ‘*A Extinção’*. Recomendou-me que relesse o relato -- algo absolutamente desnecessário para mim, que a sei de cor -- e seguiu sozinho pelos desertos desta enorme cidade fantasma.

Não pude segui-lo, tive medo. Tudo aconteceria, certamente, como já  tinha narrado naquele último poema de *‘Expulsando Noé’*: meu amante, o único homem ainda vivo sobre a Terra, a decompor-se, órgão por órgão, em animais bizarros.

Ao entardecer, enquanto eu ainda permanecia naquele jardim, fui visitada pela mais esplêndida coruja que já existiu.  Enternecida e deslumbrada, sabendo que tal criatura havia resultado dos genitais de meu amor, tentei comunicar-me com ela. Não consegui, a coruja aparentou desprezo por minha pretensão de que ela pudesse compreender qualquer linguagem humana. Todavia, como também nunca fui humana, a não ser em aparência, pudemos, sim, trocar alguns sentimentos e impressões.

Essa esplêndida coruja sugeriu que eu seguisse a mesma direção de seu vôo veloz. E tomou logo o rumo do Pico do Jaraguá. Lembrei-me, então, que Francisco havia previsto uma explosão vulcânica ali, semelhante à que Plínio descrevera no Vesúvio no ano de 79 dos cristãos Nesse dia toda São Paulo seria destruída como fora a italiana Pompéia. Este poderia ser um excelente momento cênico: toda a colossal megalópole fantasma abandonada, em ruínas e corroída. E o último dos seres humanos, já desfeito aos pedaços, extinto com sua espécie.

Era já noite, quando comecei a caminhar para o oeste, em busca dos trilhos da ferrovia por onde seguiu o ‘trem do arco íris’, e que passam perto da base do Jaraguá. Sob a lua cheia os encontrei, e pareciam estar só um pouco corroídos por ferrugem. A estrada de ferro estava misteriosamente bem conservada.

A colossal erupção do Vulcão Jaraguá ocorreu ao amanhecer. Toda a montanha foi pelos ares decomposta em pedras, lava e nuvens de dezenas de quilômetros de fumaça que destruíram completamente aquele fantasmagórico labirinto de concreto sujo, asfalto, aço.

Assisti à explosão e ao enterro final das ruínas de São Paulo, sentada em antigos trilhos empilhados. Depois que todos os estrondos e seus ecos cessaram, enxerguei uma poça de sangue a gotejar de um trilho, e seu aspecto era sugestivo de que fosse bem recente. Aproximei-me, supondo ser sangue de um animal qualquer. O cheiro, porém, não deixava qualquer dúvida quanto a tratar-se de sangue humano.

O Jaraguá e São Paulo não existiam mais, toda a humanidade era já espetáculo encerrado. Portanto,  aquela poça de sangue só poderia ter vindo do maquinista, que aqui neste local havia morrido em nome das cores do arco-íris. Meu amante parecia estar ainda a me conduzir por suas histórias, devaneios e sonhos, apesar de corporalmente extinto.

Então, ocorreu-me que só mesmo nos relatos poético-oníricos de ‘A Coruja de Minerva’ poderia descobrir uma maneira de interpretar aquele sangue tão deslocado no tempo. Talvez houvesse mesmo várias histórias em que pudéssemos, eu e Francisco, nos encontrar novamente. Aquela acerca do oceano raso e azul, por exemplo.

Foi então que ouvi uma voz poderosa -- vinda de um ponto indeterminado como uma forte alucinação -- a dizer:

"Rosa, tu deves seguir para o lago, que se formou ali onde antes havia a grande montanha do Jaraguá.”

Atravessei uma densa floresta, e logo me deparei com um lago plácido, cujas águas pareciam espelhar todos os detalhes de todas as coisas. A sua margem estava Narciso, nu e lindo. Incessantemente a olhar para sua própria imagem refletida. Caminhei em sua direção, e ousei até mesmo aproximar-me dele.

"Tu também tens a permissão para admirar-me, não importa quem sejas. Fita, nas águas privilegiadas deste lago, minha beleza infinita".

“Tu és, inegavelmente, o mais lindo dos seres que jamais houve, Narciso. Incomodam-me, todavia, teu desdém e tua arrogância”

“Arrogância e desprezo, fêmea, nutri pelos seres humanos e pelos deuses. Sabes, no entanto, que se extinguiram.”

“Extinguiu-se a espécie humana. Isso é tudo que sei.”

“E que tipo de existência pensas que os deuses possam ter sem os seres humanos? Deuses foram parte do mundo humano, portanto existentes só dentro do fluxo do tempo, com morte e extinção igualmente possíveis”

"Sabias, Narciso, que um dia viriam a extinguir-se?”.

“Não, só soube de seu fim, instantes antes de tu apareceres, quando a imagem refletida de uma linda coruja a sobrevoar este lago desviou-me a atenção por alguns instantes. Eu não seria capaz de ver qualquer outra manifestação de beleza, que não em mim mesmo, caso ainda existissem seres humanos com seus deuses.”

"Sinto-me triste por seu fim. Alice me falou, certa vez, que a história da humanidade havia sido um espetáculo maravilhoso para os deuses".

"Rosa, não te apresses a ficar triste, talvez sem motivo. Humanos e deuses, possivelmente, mantenham algum outro status ontológico, algum outro modo de ser.”

"Sim, quem sabe tenham mergulhado a existir como personagens de romance, como fez o meu amante e narrador, Francisco Rosa. Mas, Narciso, agora tu pareces triste, não? Que se passa?”

"Minha sina inevitável já está ocorrendo, Rosa. Ao ver tua beleza – e não sendo tu nem humana nem deusa -- sou capaz de ver imperfeições em meu corpo, em meu rosto. Entretanto, nenhuma mudança real ocorreu, pois sou, assim como tu, alguém para quem o tempo não se atreve a existir.”

"Sou incapaz de ver tais imperfeições, belo Narciso.”

"És incapaz de vê-las, por seres outra pessoa que não eu. Sem a existência de seres humanos, não posso mais ser o mesmo”.

Nesse momento, brotou uma lágrima de sangue do olho esquerdo de Narciso. Esta caiu no lago, turvou a água e deformou sua imagem. Narciso tornou-se, então, capaz de desviar o olhar de sua própria imagem.

Rosa e Narciso saíram vagando pela floresta tropical, saudosos dos seres humanos com seus deuses.

Ao se aproximarem de um arbusto de hibisco, uma nuvem de borboletas vividamente azuis chamou sua atenção para  espessas nuvens provenientes de um oeste distante. Em seguida caiu um dilúvio forte e gélido. Tais nuvens do tipo cúmulos pareciam estar demasiado altas, o que sugeria que se tivessem formado em terras muito elevadas e distantes, quem sabe sobre os Andes. Desabaram de uma só vez, e logo não havia mais nem floresta, nem lago, nem trilhos de ferrovia. Tampouco era possível discernir qualquer traço da megalópole, agora soterrada e submersa. Apenas aquele torrencial dilúvio azul, gerando volumosíssima corredeira a rumar na direção oeste.

Imenso e tão caudaloso rio a nos levar a ambos: Rosa e Narciso. Submersos num aguaceiro infinito, tendo poucas chances de algum dia reemergir onde quer que seja, prosseguimos de mãos dadas.

Olhos nos olhos, azuis são os de Rosa, identicamente azuis são os de Narciso.

Uma vez que o tempo não ousa existir para nós, continuamos a nos contemplar e amar um ao outro intensamente.

*Face a face.*

*Unos que sempre fomos.*

*Eternamente.*